

Bancários: Greve de Advertência Contra Reforma de Faraco e Pelo 13º Mês

Texto na 2ª página

Degola de Pinheiro é Serviço ao FMI

Patriotas Exigem Demissão da Quadrilha Entreguista Que se Apossou da SUMOC

«O ministro do Trabalho, dr. João Pinheiro Neto, denunciou à Nação que a razão da carestia reinante no Brasil decorre da política econômica e financeira imposta pelo FMI, através de seus agentes, que ocupam postos na administração do País, como é o caso do sr. Roberto Campos e outros» — diz, a propósito da crise que resultou na demissão do ministro do Trabalho, o Comando Geral dos Trabalhadores, num manifesto em que convoca o povo carioca para um comício de protesto contra a degola do sr. Pinheiro Neto e pela exigência de demissão da quadrilha de entreguistas que se apossou dos postos-chave da Fazenda. Essa exigência é a de todos os patriotas brasileiros, que protestam contra a vergonhosa capitulação do Governo Goulart-Hermes Lima diante dos espoliadores de nosso País. (Matérias na 3ª página).

NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 7 a 13 de dezembro de 1962 — Nº 199

Defender as Liberdades Contra os Ataques da Reação Entreguista

- 1 — Herbert Levy e a UDN escandam a campanha
- 2 — Investida contra o movimento operário
- 3 — Estudantes patriotas sob a mira da reação
- 4 — Ofensiva contra os mandatos de nacionalistas e sargentos
- 5 — Lacerda volta e ataca o ISEB

Reportagem na 3ª página

Protesto contra demissão de Pinheiro
Concentração Hoje, Dia 6, às 18 Horas, no Ministério do Trabalho



Alfaiates Conquistam Aumento Mas a Luta Prossegue Contra Aviltamento da Profissão
Texto na 2ª página

Assalto ao Povo Continua

Esta sendo fartamente anunciado o reaparecimento do arroz nas praças do Rio e de São Paulo. O caso do feijão ainda não está muito bem esclarecido, mas tudo indica que o produto deverá ressurgir em grande quantidade nos próximos dias. Para o arroz, anuncia-se já o preço que o povo vai ter de pagar para tê-lo de volta aos pratos: 120 cruzeiros por quilo, apesar das resistências do presidente da COFAL (que poderá ter sido demitido a esta altura). Em torno do feijão ainda há mistério. Enquanto isso, a carne continua a ser vendida a 380, 390 e 420 cruzeiros o quilo; a biscoita de pão na Guanabara já custa 20 cruzeiros e o leite está na boca para ganhar outro aumento. (Tudo isso está contado na reportagem da 8ª página). A foto, e da fila do arroz que não existe.

Trajectoria de Álvaro Lins
Artigo de RUI FACÓ, na 5ª página
Cuba versus EUA



Em entrevista exclusiva a MR
Chefe da Delegação da RPC Diz Que China Pode Vender e Comprar ao Brasil
Texto na 7ª página

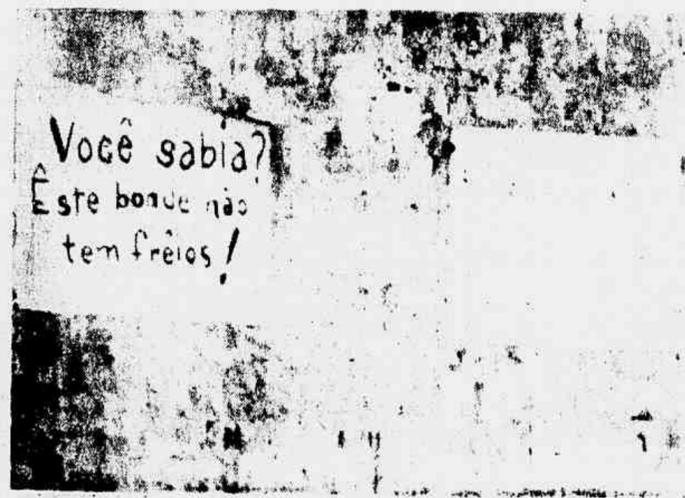
Caxias: festa da vitória

Em homenagem aos parlamentares nacionalistas e democráticos eleitos no último pleito, os moradores de Duque de Caxias promoverão domingo, dia 9, no sítio São Bento, naquele município, grandiosa festa campestre. Haverá "show" artístico, concurso de ratinha, baile ao ar livre, etc. A comissão para o local parte diretamente de Duque de Caxias, sendo diversas as linhas de ônibus que servem o sítio São Bento.

Argélia: Por Que os Comunistas São Contra o Partido Único
Reportagem na 7ª página

Gratificação de 40%: desigualdade entre médicos
Artigo de MARIA TELLES, na 6ª página

Aeronautas: Salário Não Paga Perigo de Vida
Reportagem na 2ª página



QUEM VAI A SANTA TERESA PODE FICAR NO OUTRO MUNDO
Bonde imprestáveis e sem freios, e em pouco número: são apenas nove para transportar toda a população do bairro, trilhos arrebitados, rede elétrica provocando constantes pequenos incêndios, dormentes apodrecidos — são as características do serviço de carris de que se utilizam os moradores de Santa Teresa. Os habitantes daquela zona, uma das áreas mais bonitas do Rio de Janeiro, põem compulsoriamente todos os dias a sua vida em jogo. O bonde é o único meio de acesso ao bairro e as condições em que trabalham os carris fazem prever uma catástrofe. Reportagem na sexta página.

Aeronautas: Salário Não Paga Perigo de Vida

Todos os aeronautas brasileiros, totalizando alguns milhares de profissionais altamente especializados, ganham menos que os quarenta ou cinquenta indivíduos que compõem a direção geral das empresas de aviação comercial. Muitos desses magnatas, por total incapacidade, não podem oferecer qualquer colaboração técnica ou administrativa a empresa cuja diretoria integram. Limitam-se ao ato de presença nos luxuosos e confortáveis gabinetes da diretoria, e a participar das comissões que periodicamente procuram as autoridades para pedir mais subvenções, favores cambiais e outras vantagens nem sempre confessáveis.

Alguns desses magnatas da aviação comercial, não dispõem sequer de capital para justificar a vida mansa que desfrutam e os altos honorários que percebem. Representam para as companhias, que se dizem eternamente deficitárias, 5,8% das suas despesas totais, enquanto as tripulações (que juntamente com o pessoal de terra formam a parte dinâmica, viva e produtiva das empresas) somam apenas 5,6% dessa despesa geral.

Para manter esses privilégios, continuam com a exploração dos que trabalham, os homens da direção geral resistem a todo aumento de salários aos empregados, que hoje percebem salário real inferior ao que percebiam há dois anos atrás, e cuja vida profissional tende a se reduzir cada vez mais.

AGUIAS ESCRAVIZADAS

As tripulações das aeronaves comerciais trabalham uma média de 13 horas diárias. Quando descem em terra firme, esses profissionais correm em busca de repouso, restabelecem suas reservas físicas e se preparam para mais uma dura jornada no dia seguinte.

Esgotados pela atmosfera artificial mantida no interior dos aviões de carreira, os comandantes e pilotos, o navegador e demais membros da equipe de voo sentem ainda a sobrecarga de cansaço resultante da tensão profissional, da atenção necessária à segurança da viagem, o desgaste resultante dos complicados cálculos de navegação e do regime de funcionamento dos motores.

Mas quanto ganham esses homens auroelados por legendas épicas e tão admirados por todos nós?

"Ao contrário do que pensa muita gente — responde o comandante Paulo Santana, presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas — nós temos salários comuns, não ganhamos menos que um funcionário do Banco do Brasil, um escriturário, por exemplo. Um comandante de avião de caçopotagem, ganha em média 20 mil cruzeiros por mês, enquanto os salários dos demais tripulantes correspondem de 30 a 40% desse salário-base."

E bem precária, portanto, a situação dos aeronau-

tas brasileiros, cujos comandantes ganham apenas 10% dos salários pagos em outros países. Isto, nas empresas mais poderosas. Nas de menor porte os profissionais do ar percebem salários ainda mais ridículos, como acontece na NAB que, até ser absorvida pela Panair, pagava aos seus tripulantes pouco mais que o salário mínimo.

Postos de lado os acidentes, a vida profissional do aeronauta diminui constantemente, reduzindo-se de muitos anos à medida que se aperfeiçoam os meios de diagnosticar suas doenças profissionais. Com o advento do jato, os exames periódicos estão sendo feitos com maior frequência, havendo, igualmente, maior rigor nos "check up" a que os tripulantes se submetem após voarem um certo número de horas.

As cabinas pressurizadas vieram encurtar ainda mais o tempo de vida profissional desses homens, embora durante o voo esse recurso de moderna aviação proporcione aparente conforto e comodidade. Tão graves são as consequências do voo a grande altitude, sobre a saúde da tripulação, que pelo menos 12 comandantes desse tipo de aeronave, de duas companhias brasileiras, já foram afastados do serviço, por não apresentarem condições físicas adequadas. Esse aspecto do problema ganha maior significação se considerarmos que no Brasil os jatos estão sendo empregados há somente três anos.

Dai, a injustiça nos salários pagos aos comandantes dos jatos, e que as empresas desajavam aumentar e consagrar através de um aumento salarial inexpressivo, com o teto de 100 mil cruzeiros.

Em qualquer país, com transportes aéreos desenvolvidos, e onde a medicina aeronáutica acompanhou o progresso da máquina, o piloto percebe vencimentos correspondentes aos riscos profissionais e ao limite da sua utilidade profissional.

Nos Estados Unidos, por exemplo, um comandante ganha cerca de 3.000 dólares mensais, além de outras vantagens adicionais, em dinheiro ou representadas por temporadas de repouso e recuperação em sanatórios especializados. Na URSS, a coisa não é diferente: diante das peculiaridades da profissão, os comandantes de aviação vencem salários maiores que muitos dirigentes nacionais, mais até que os cientistas, que nesse país são os homens que mais ganham.

Por que, então, no Brasil, o profissional do ar precisa sacrificar até seu conforto doméstico, para poder viver com os salários que lhe são pagos?

Em nosso país, um comandante de jato, das linhas internacionais, ganha no máximo 271 mil cruzeiros. São os "marechais" dessa categoria profissional. Apenas uns 30 ou 40 ho-

mens, e cujo número vem sendo reduzido pela estafa do trabalho.

No recente movimento por aumento de salários, o Sindicato dos Aeronautas liderou uma campanha por 70% de aumento geral, sem teto. As empresas, como sempre, recusaram a pagar a melhoria solicitada, e voltaram com uma contraproposta irrisória para os trabalhadores: aumento máximo de 52%, com teto de 100 mil cruzeiros, o que prejudicaria particularmente as equipes de jatos.

Por que tanta violência? Qual a razão de tanto egoísmo se pelo menos 70% da renda das companhias são trazidas pela operação desse tipo de aparelhos?

OS «FAUDOS»

Quando seus empregados reivindicam aumento de salários, os donos das empresas começam a se movimentar pelos gabinetes governamentais, pedindo mais subvenções, reclamando aumento de tarifas, pedindo favores cambiais e outros de toda ordem.

Isso já se tornou uma rotina, que precisamente por ser rotina não impressiona mais os empregados e mesmo os homens do Governo. Mas será verdade mesmo que as companhias são deficitárias?

Em parte, sim. As companhias apresentam déficits contábeis.

Nenhuma, entretanto, é favorável a Aerobrás, empresa estatal que as aliviaria de tão "desinteressante" negócio. Por outro lado, não se tem notícia de algum proprietário de empresa de aviação que tenha empobrecido pela falência ou fracasso da sua firma.

Muito pelo contrário. Os casos dos sr. Lineu Gomes e do cel. Gibson, o primeiro da Real e, o segundo, do Lóide Aéreo, são bastante para desmentir a tese patronal.

Lineu Gomes deixou a empresa, mas ele recebeu nada menos de 2,7 bilhões de cruzeiros como sua participação no negócio. Quanto ao cel. Gibson, que iniciou suas atividades empresariais modestamente, desfez-se do Lóide como bilionário. Hoje é um dos donos do Banco Operador, proprietário da fábrica de bicicletas Monark e tem fazendas até nos Estados Unidos.

Toda essa fortuna foi amesalhada com o sacrifício alheio, às custas do trabalho dos aeronautas e aeroviários, aos quais, entretanto, insistem em pagar salários muito aquém do justo.

REVELAÇÃO DA CPI

Nas últimas semanas do ano de 1961 funcionou em Brasília uma comissão de inquérito para investigar as causas dos desastres aéreos ocorridos no País. A simples formação daquela comissão parlamentar de inquérito representou uma vitória para aeronautas e aeroviários, que desde muito vinham sendo os eternos

"culpados" pelos acidentes na aviação comercial.

Muita coisa, então, ficou esclarecida. Ficou-se sabendo que algumas empresas foram constituídas para explorar linhas deficitárias, e em regime de competição que lhes seria fatal. Mas insistiam em operar, pois estavam mais interessadas nas subvenções e nos favores oficiais do que propriamente no rendimento comercial da empresa.

Foi interrogando técnicos e empresários que os parlamentares descobriram o volume da fraude nas empresas, da qual participam aerodiretores, internacionais, grupos bancários, etc.

As revelações feitas na CPI desmorlizaram inteiramente as antigas alegações empresariais, mas não tiveram força para acabar com as irregularidades.

Entre os depoimentos perante a CPI destaca-se o do comandante Ernesto Costa Fonseca, no ocasião presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas.

"A segurança do voo entre nós — disse ele — é precária. O número de desastres, porém, não é de assustar. É comum encontrar, nos casos ocorrentes, o resultado catastrófico das falhas de manutenção, do uso de aviões não homologados para determinados aeroportos, do ponto fraco — acentuou — está na exploração da maioria das empresas relativamente ao trabalho do seu pessoal, que viaja geralmente estafado."

E mais adiante: "Os aeronautas e aeroviários vivem em luta em defesa do que pensam ser os seus legítimos direitos, sendo que os primeiros se batem pela regulamentação do horário de trabalho, por terem principalmente, a fadiga, uma das causas apontadas como responsáveis pelo grande número dos sinistros aéreos."

O certo é que os proprietários de empresas de aviação tornam-se cada vez mais ricos, enquanto os seus empregados, que trabalham sob constante risco de saúde e da própria vida, precisam recorrer à greve, sempre que necessitam salários compatíveis com as suas necessidades, com o volume de riquezas que produzem.

CRISÓTEMA: TRABALHADORES QUEREM ATRASADOS

Milhares de trabalhadores concentraram-se dia 26 de novembro diante da agência do IAPTEC em Crisóteima pleiteando o pagamento do 13º mês para os aposentados, contra a carestia de vida e pela normalização dos pagamentos, atrasados há oito meses. Quando recebemos essa notícia, os trabalhadores haviam marcado nova concentração para o dia 3 de dezembro, dispostos a só se retirarem com a normalização dos pagamentos.



GREVE EM PREPARAÇÃO

O presidente do Sindicato dos Bancários da Guanabara, Aluísio Palhano, dirige-se aos seus colegas do Banco do Brasil para alertá-los contra os perigos representados pela criação do Banco Central, conforme projeto

do deputado Daniel Faraco. Nessa assembleia, realizada segunda-feira última, os dirigentes bancários traçaram os planos para a greve nacional da categoria.

Bancários Vão à Greve Pelo 13º Salário e Contra Banco Central

Por causa do 13º salário e do projeto de criação do Banco Central, os funcionários do Banco do Brasil irão a uma greve de âmbito nacional, que poderá ser deflagrada a qualquer momento. O Comando Geral, as Comissões Sindicais, os Fiquetes de Greve e todos os ativistas sindicais já foram mobilizados e estão preparados para entrar em ação, aguardando somente ordem da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito, para dar início ao movimento.

Dezenas de telegramas foram enviados às autoridades federais do Executivo e do Legislativo, transmitindo a essa decisão dos funcionários do BB. Nessas mensagens os dirigentes bancários pedem a imediata publicação do decreto presidencial que criou o Grupo de Trabalho da Reforma Bancária, com a participação de representantes dos trabalhadores, e a rejeição dos projetos Daniel Faraco e Sérgio Marinho.

São as condições que apresentam para a sustação do movimento.

PODEM GENERALIZAR-SE

A greve do pessoal do Banco do Brasil poderá ge-

neralizar-se, abrangendo também os funcionários dos estabelecimentos particulares. Neste caso, cerca de 150 mil bancários cruzarão os braços em todo o Brasil, paralisando inteiramente as atividades industriais e comerciais do país.

Entre os funcionários do BB e dos estabelecimentos particulares existe a reivindicação comum do pagamento do 13º salário, ao qual os banqueiros procuram se furtar através do projeto do senador Sérgio Marinho. Nesse sentido os banqueiros argumentam com as gratificações pagas periodicamente após os balanços, pretendendo transformá-las no 13º salário. Esse recurso patronal e, entretanto, contestado pelos bancários, que, escudados na Consolidação das Leis do Trabalho, respondem que essas gratificações, pela regularidade e tradição, já foram incorporadas aos salários, não podendo, assim, servir de fuga ao cumprimento da Lei que instituiu o 13º salário.

MOVIMENTAÇÃO NA BB

A decisão dos funcionários do Banco do Brasil foi adotada segunda-feira passada em convocada assembleia concorrida pela

CONTEC. Logo após o pronunciamento dos primeiros oradores, já se podia perceber a disposição de luta dos funcionários do BB, que, finalmente, deliberaram pela deflagração da greve, caso o Executivo e o Legislativo federais continuem em atitude passiva.

Mas não é apenas pelo 13º salário que os bancários irão a greve. Os funcionários do Banco do Brasil, em particular, lideram a luta contra a aprovação do projeto Daniel Faraco — Reforma Tributária — que consideram um golpe de morte no principal estabelecimento bancário do país.

Em que consiste a falsa reforma bancária de Daniel Faraco?

Nas palavras do presidente da CONTEC, os trabalhadores são contra o projeto Faraco porque "não contém as normas renovadoras e progressistas que devem fazer do sistema bancário uma arma a serviço do desenvolvimento econômico-social do País".

Denuncia ainda o dirigente sindical Huberto Pinheiro que "o projeto em tramitação na Câmara não cria novos recursos, nem para o Banco Central, nem para o Banco Rural, que procura instituir. O que faz

é dispensar os do Banco do Brasil, retirando-os em alta dosagem para o novo Banco Central."

Acompanhando a manifestação dos bancários brasileiros, o Comando Geral dos Trabalhadores e dezenas de dirigentes sindicais pronunciaram-se expressamente contra a criação do Banco Central, que consideram danoso aos interesses nacionais, pelo caos que viria provocar na vida econômica de toda a nação.

Um perigo remoto deve ser ainda incluído no quadro de inconveniências decorrentes da criação do Banco Central: seria o primeiro grande passo no sentido de liquidar com as empresas estatais brasileiras.

Com a liquidação do Banco do Brasil os entreguistas recorreriam a outros Daniels Faracos para investir contra a Petrobrás, a Eletrobrás, Volta Redonda, Companhia Nacional de Alcaali, etc. mantendo automaticamente a Aerobrás, cujo embrião costuma a ganhar forma e volume.

Assim, a luta contra a criação do Banco Central — falsa reforma bancária — não é uma luta apenas dos funcionários do Banco do Brasil, mas de todos os trabalhadores brasileiros.

Alfaiates Conquistam Aumento: Mas a Luta Prossegue Contra Aviltamento da Profissão

Por vontade paterna, filho de alfaiate segue outra profissão. Foi-se o tempo em que rebentos de mestres da agulha e tesoura aprendiam a profissão do pai, herdavam velhas máquinas a pedal, fôrmas, moldes, dedais, agulhas e freguesia.

As grandes indústrias de roupas feitas determinaram a fuga. Hoje, quase que forçadamente os jovens a optam por atividades mais rendosas.

"Pagam mal — disse-nos um velho mestre, hoje transformado em "maquinista" da Companhia Brasileira de Roupas (Ducal).

Pagam mal, exploram o trabalho da mulher, exploram o trabalho do menor, pagam migalhas pelo trabalho feito em casa. Não pagam taxas de insalubridade aos que têm contato com tecidos, ou trabalham em recintos com gases, vapor e calor.

"Inicialmente — acentuou — tiraram as nossas ferramentas, depois o título de artistas de que tanto tinhamos orgulho. Finalmente, nos privaram do mínimo para vivermos com dignidade."

O desabafo do velho profissional, que se orgulha de ter sido "o preferido de muitos elegantes", não é um lamento derrotado. Esse homem apenas se insurgiu contra a exploração nas fábricas de roupas. Quantas são as vítimas dessa exploração?

Oficialmente trabalham cerca de 19.000 homens, mulheres e adolescentes nas fábricas de roupas da Guanabara. Até na última semana, quando foi firmado novo acordo salarial, esses operários, em sua esmagadora maioria, ganhavam apenas 15.600 cruzeiros mensais. Os salários mais altos, percebidos pelos profissionais mais antigos ou qualificados, oscilavam entre 20 e 23 mil cruzeiros.

Na indústria, possivelmente só na construção civil encontram-se trabalhadores explorados em tão elevado grau. Mas na indústria de confecção de roupas, paralelamente com essa política salarial impiedosa, os patrões ainda aviltam o preço do traba-

lho. Para isso recorrem à admissão de menores e mulheres, a ambos ganhando menos que o profissional adulto e, assim, estabelecendo-se uma oferta de mão-de-obra desfavorável ao operário.

MENORES EM MAIORIA

Há cerca de cinco anos as alfaiatarias que costumavam sob medida não mais estão admitindo aprendizes. Mesmo nos estabelecimentos pequenos, de uma porta só, onde o mestre (geralmente dono da casa) trabalha auxiliado por dois ou três oficiais. Os dirigentes sindicais dos alfaiates e costureiras acreditam que dentro de mais dez anos não haverá alfaiatarias sob medida. A não ser dois ou três de grande resistência econômica, que se dedicam a costurar para clientes certos, homens ricos, que pagam 80 e até 100 mil cruzeiros por terno.

Desaparecidas as alfaiatarias que restam. A maioria localizada nos subúrbios, o comércio do vestuário estará inteiramente dominado pela indústria do ramo.

Então, haverá a luta entre as fábricas, as mais poderosas absorvendo as menores, para dominar o mercado.

Terá chegado a vez do público ser ainda mais espoliado.

— Hoje — declarou um líder sindical — a concorrência provoca uma guerra de preços, competição que se reflete na oferta, beneficiando em parte, o público consumidor. Mas para enfrentar os concorrentes os industriais apertam os nossos salários, aviltam nossa profissão, esmagam nossas reivindicações, aproveitando menores e mulheres nas funções que não exigem maior especialização, como na De Milus, onde 80% dos empregados são menores, moças inexperientes que trabalham por salários vergonhosos.

O SENAI COLABORA

Nesse campo contra os interesses de milhares de trabalhadores, papel importante é exercido pelo SENAI.

Para esconder essa tarefa infame, os dirigentes do

SENAI dizem que a presença de menores é resultado de convênios com os estabelecimentos, "que se obrigam a ensinar os jovens" em troca de certas regalias proporcionadas pelo Governo.

Esses atos de exploração são, assim, promovidos, a "escolas" de formação de operários, burlando-se toda a legislação trabalhista e minando as lutas reivindicatórias dos verdadeiros profissionais.

Um capítulo à parte no drama dos alfaiates é a confecção em casa. A maioria das fábricas entrega a costureiras particulares o acabamento das roupas. Pagam miseravelmente a essas pobres mulheres, ao mesmo tempo que sonham milhões em impostos e privam os profissionais de sua arma por melhor remuneração, afastando as costureiras do Sindicato e do comércio com seus companheiros de trabalho.

Diariamente, dezenas, centenas de mulheres descem na gare da Central do Brasil ou da Leopoldina, carregando embrulhos volumosos. São as "encomendas" das fábricas, com as quais, aviltam em parte o orçamento doméstico, sem saberem que estão contribuindo para aviltar o preço do trabalho de milhares de trabalhadores.

O DECLÍNIO

Começou por volta de 1940 o processo de extinção das alfaiatarias e da profissão de alfaiate, nas bases tradicionais. A primeira fábrica a surgir foi a Renner, no Rio Grande do Sul. Seguiu-se a A. Exposição, que ampliou as possibilidades do ramo, instituindo o sistema de crédito e larga escala.

"Nós não estamos contra as fábricas" — ressaltou um empregado da Saragozsky.

"Apenas não concordamos com o regime adotado por elas, que lembra regime de trabalho escravo."

Premidas pela necessidade financeira, as pobres operárias são presa fácil para os patrões e chefes de serviço. Os menores, ao desabrigo de quaisquer direitos

sindicais ou trabalhistas (não são operários e sim "alunos"), temendo desagradar os patrões, aceitam executar tarefas que não são as suas e, mesmo, trabalhar horas extras sem nada receber.

Dentro desse esquema puramente capitalista a profissão do alfaiate aviltou-se. Do conceito de arte em que durante muitos séculos foi tida, juntou mestres e oficiais, aprendizes e praticantes, numa massa e inerte, rústica, onde o fútil é apresentado pela promoção a "maquinista".

LUTA SALARIAL

É um drama que se repete anualmente a luta pela melhoria salarial dos alfaiates. Nunca os patrões estão em condições de atender o reivindicado pelos empregados. Recorrem às negociações, às proclamações, procuram minimizar os direitos e necessidades dos operários, tripudiam sobre as propostas destes.

Este ano não foi exceção. Depois de alguns meses de luta, os alfaiates e costureiras conseguiram, semana passada, arrancar um "sim" aos seus enriquecidos patrões. Para isso tiveram até de se propor entrar em greve, pois esse é a única linguagem que seus patrões entendem.

Existem aproximadamente 1.180 empresas na cidade. Dessas, 25 com mais de 300 empregados e cerca de 5 com mais de 600 trabalhadores. Barki, José Silva, Saragozsky, Souza e Machado, Companhia Brasileira de Roupas (Ducal), são as mais importantes. Movimentos fabulosos capitais, beneficiam-se até de créditos oficiais. Gastam milhões em publicidade. Mas quando se trata de aumentar salário de operário, contam, somam e subtraem vitórias...

Assim aconteceu há poucos dias, quando alfaiates e costureiras conseguiram aumento de 55% sobre os salários vigentes a 1º de novembro de 1961, com teto de 15 mil e mínimo de 8 mil. Pelo acordo, nenhum alfaiate ganhará menos de 21.880 cruzeiros. Mas para esse resultado, foi necessária muita luta.

Em discussão a reforma bancária

Sistema Bancário Deve Ser Pósto a Serviço Das Reformas de Base

Defendíamos, na reportagem publicada no número anterior de NR, a necessidade de um órgão bancário oficial de alto porte, para enfrentar o poder econômico, e também político, de grandes setores industriais dominados por empresas e grupos estrangeiros.

O Banco do Brasil, no invés de ser fragmentado, deveria ser fortalecido, com algumas das funções de banco central que ainda não lhe estão afetas. É isto porque a destituição de um aparelho com tamanhas e tão vastas possibilidades criaria graves problemas para a administração pública. Tudo indica que há intenção deliberada de agravar a atual crise cambial e financeira, com a desarticulação do Banco do Brasil, através do projeto Faraco.

Este plano antinacional só poderá ter origem, como parece claro, nesses grupos que espionam o Brasil e procuram conservar e aumentar seus privilégios, a custa mesmo do desenvolvimento do País. O simples exame da opinião de alguns de nossos jornais a propósito da reforma bancária indica que o projeto Faraco é não só alheio como contrário aos interesses nacionais.

DISTRIBUIÇÃO DO CRÉDITO

É preciso atentar, ainda, para o fato de que a reforma bancária deve disciplinar rigorosamente a distribuição do crédito, levar em conta seu aspecto social. As atuais condições do País exigem uma séria seletividade do crédito, que deve ser distribuído com absoluta prioridade aos setores vitais ao desenvolvimento nacional, isto é, no sentido do interesse social e não no dos banqueiros.

Em 1959, o então deputado e hoje senador, Camilo Nogueira da Gama, defendeu esses princípios, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal, ao dizer que "quando se afirma que o uso da propriedade deve estar condicionado ao bem-estar social, devem-se abranger nesse conceito todos os valores econômicos, incluídos valores líquidos, representados pelos excedentes ou disponibilidades monetárias que se encontram no mercado."

Com efeito, não poderá ter prosseguimento a verdadeira moralidade que constitui o auxílio a atividades como certos investimentos imobiliários, fábricas de sorvetes e refrigerantes, etc, enquanto carecem de recursos setoriais infra-estruturais, a pecuária e alguns ramos básicos da indústria permanecem estrangulados pelas dificuldades de crédito, impedidos de prosseguir em seu programa de expansão.

DESEQUILÍBRIO REGIONAIS

A canalização das aplicações para determinadas regiões também é medida das mais importantes. Há permanente evasão de recursos das áreas menos desenvolvidas em favor daquelas onde têm sede os grandes bancos nacionais. As agências dos grandes bancos nas áreas menos desenvolvidas não visam — como apreço algum — a melhor distribuição do crédito, mas funcionam na prática como verdadeiras bombas de sucção. A esse propósito, diz o estudo realizado pela CONTEC, dos quais extrairmos elementos para esta série de reportagens:

pobres, carentes de investimentos maciços, como o Norte e Nordeste, são paradoxalmente exportadores de capitais para São Paulo e Guanabara, a grava vando-se perigosamente o desnível já existente entre o ritmo do crescimento econômico nas diferentes zonas do País. Embora, há alguns anos, tal fato possa ter sido permitido deliberadamente, para promover a concentração de capitais e desenvolver o processo de desenvolvimento na região considerada de condições mais favoráveis, é certo que o critério deverá ser revista periodicamente, para que se vá ajustando as novas condições decorrentes das modificações de estrutura da produção."

INDÚSTRIA NACIONAL

A seleção do crédito deverá descer à caracterização das fases da produção e da comercialização, que realmente exijam auxílio do crédito.

Deve ser encarada com seriedade a necessidade de impedir que os recursos nacionais sejam utilizados e mais ainda monopolizados por empresas de capitais estrangeiros ou que sirvam de veículo à transferência de lucros para o exterior.

A indústria nacional, seu desenvolvimento, deverá ser fundamentalmente o objetivo do sistema bancário. As empresas estrangeiras alegam, ao se estabelecerem aqui, que contribuem com novos contingentes de capital. Ora, se começam a concorrer com a indústria nacional, a desfalcar ou monopolizar os capitais disponíveis, essa "colaboração" passa a ser ruínoza e fator determinante de descapitalização e empobrecimento.

O que se quer, o de que se precisa portanto, é um

NOVOS RUMOS

Diretor
Orlando Bonfim Júnior

Diretor Executivo
Frimson Borges

Redator Chefe
Luiz Gósses

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco, 257 17º andar 8/112 — Tel. 42-7314

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar 8/825

SUBSCRIÇÃO DE \$ PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
8º andar 8/827

PREÇOS ANUAIS
Entrega Integral 1.200,00
"NÃO ENTREGA" 600,00
"SOMENTE ARTIGOS" 250,00

(Somente a edição semanal)

ASSINATURA AEREA

Anual 1.400,00
Semestral 700,00
Trimestral 350,00

PREÇOS ANUAIS
Anual 1.200,00
Semestral 600,00
Trimestral 300,00
Número Avulso 20,00
Número Avulso 20,00

DEFENDER AS LIBERDADES CONTRA AS INVESTIDAS DA REAÇÃO ENTREGUISTA

Patriotas Exigem Demissão da Quadriha Entreguista Que se Apossou da Sumoc

A demissão do sr. João Pinheiro Neto do Ministério do Trabalho, das circunstâncias em que se verificou, veio apenas confirmar a denúncia que, três dias antes, fora feita através da televisão pelo ex-ministro. Nessa entrevista, o sr. Pinheiro Neto afirmou que existe "uma ditadura financeira no país", acrescentando que "enquanto a SUMOC estiver nas mãos do sr. Otávio Bulhões e a embaixada nos EUA nas mãos do sr. Roberto Campos" não serão resolvidas as dificuldades em que nos debatemos. Os ditadores da política econômico-financeira, submissos nos esquemas colonialistas do Fundo Monetário Internacional e apoiados pelo embaixador norte-americano Lincoln Gordon, constituem o que o sr. Pinheiro Neto chamou de uma verdadeira "dinastia". Mudam os chefes e até as formas de governo, mas são eles que têm sempre em suas mãos o leme da política financeira. De Eugênio Gudin a Lucas Lopes, de Garrido Torres a Bulhões de Carvalho, de Clemente Mariani a Moreira Sales — mudam os nomes e se revezam nos

postos, mas são sempre os agentes dos interesses imperialistas que vêm ocupando as posições-chave na máquina que traça e executa a política econômico-financeira. Toda a nação sabe disso perfeitamente. O sr. Pinheiro Neto, jovem economista não ligado aos interesses exusos a que serve a "dinastia" da Fazenda, exprimiu, ao fazer a denúncia que desencadeou a tempestade política dos últimos dias, os sentimentos patrióticos e as aspirações progressistas do povo brasileiro. Por isso mesmo, despertou as iras dos grupos entreguistas, que em Washington, Guanabara e Brasília passaram a exigir do Governo, em termos de ultimato, a cabeça do jovem ex-ministro. A submissão aos banqueiros norte-americanos — seja através de "planos de estabilização", da Instrução 204 ou de qualquer outra forma de "acórdios" lesivos à emancipação do Brasil — é um artigo de fé para a quadriha entreguista. De Washington, Roberto Campos telefona ao sr. Hermes Lima, intimando-o a demitir o sr. Pinheiro Neto. A chamada "grande imprensa", capitaneada pelo "Estado de

Paulo" e "O Globo", desaba furiosa ofensiva, lançando mão de todos os recursos da calúnia e da mistificação, a ponto de atribuir ao titular demitido a afirmação de que devíamos "romper as relações econômicas com os Estados Unidos". Na Câmara, representantes do IBAD se movimentam exigindo o comparecimento do primeiro-ministro para prestar "explicações" acerca da denúncia feita pelo sr. Pinheiro Neto. De outro lado, os círculos nacionalistas logo manifestaram seu decidido apoio à posição do ex-ministro do Trabalho, uma vez que a mudança da política econômica, financeira e o afastamento da "dinastia" que ocupa a Fazenda constituem uma reivindicação que há anos vem sendo feita por todos os patriotas como condição indispensável para que possa o País libertar-se da espolição imperialista e resolver de maneira independente e progressista a tremenda crise inflacionária que condena o nosso povo à miséria e ao atraso. Falando em nome das grandes massas do povo brasileiro, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, o Comando Geral dos Traba-

lhadores e a União Nacional dos Estudantes hipotecaram solidariedade ao sr. Pinheiro Neto e reafirmaram as suas incisivas declarações. Parlamentares nacionalistas pronunciaram-se em defesa do ex-titular do Trabalho, a cujo lado se colocou o grosso da opinião pública. Entretanto, o governo das sr. João Goulart e Hermes Lima — agindo com uma presteza que contrasta violentamente com a lentidão e a incapacidade de resolver problemas tão simples como o abastecimento de arroz — decidiu, em pouco mais de 48 horas, pela degola sumária do jovem ministro que teve a coragem de dizer a verdade, de preconizar medidas do interesse nacional. Entre ficar com um patriota, que defendia o Brasil, e com uma quadriha de entreguistas, que põe acima de tudo o "direito" que têm os trustes lanques de espoliar o Brasil, o governo, nesse caso, tomou o partido do imperialismo e seus agentes. O que os patriotas tinham o direito de esperar é que, uma vez deflagrada a crise, o governo Goulart-Hermes Lima fizesse o que vem sendo há tanto tempo reclamado e que representa um passo indispensável para a "emancipação econômica" a que o presidente da República se referiu, mais de uma vez, em seus últimos discursos: a demissão dos entreguistas que colocam a Fazenda do Brasil não a serviço do próprio Brasil, mas a serviço dos grupos financeiros dos Es-

CGT e CNTI em apoio a Pinheiro Neto:

«AGRAVAMENTO DA CARESTIA É CONSEQUÊNCIA DA POLÍTICA IMPOSTA POR AGENTES DO FMI»

"Por ter dito que a carestia no Brasil decorre da política financeira imposta pelo FMI, o ministro João Pinheiro Neto teve sua cabeça posta a prêmio no seio do governo, ao invés de apoio no sentido de mandar apurar a denúncia" — dizem os dirigentes do Comando Geral dos Trabalhadores em nota distribuída terça-feira passada, aos primeiros rumores de que o ministro do Trabalho seria demitido. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria também divulgou nota a respeito, dizendo que "os que desejam impedir essa marcha progressista, a política evolutiva, a emancipação do país, não podem querer no Ministério o dr. João Pinheiro Neto..."

Por ter dito esta verdade, o ministro João Pinheiro Neto teve sua cabeça posta a prêmio no seio do governo, ao invés de receber apoio no sentido de mandar apurar em detalhes a denúncia. O primeiro-ministro Hermes Lima, que aparece como carcereiro do ministro João Pinheiro Neto, fez denúncia idêntica na televisão, em relação à Alemanha Federal, que quis impor ao Brasil a revogação de uma lei aprovada pelo Congresso, garantindo aos navios brasileiros o direito de transportar cinquenta por cento das mercadorias constantes de nossas acordos comerciais internacionais. A denúncia do primeiro-ministro equivale à denúncia do ministro do Trabalho, ao qual se opôs a imposição do FMI no sentido de degolar a ministro João Pinheiro Neto, para que se acatasse, amanhado, a decisão do primeiro-ministro e de outros ministros que, por força de convencimento, chegaram às conclusões a que chegou o sr. João Pinheiro Neto.

MANIFESTO DA CNTI

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria distribuiu a imprensa a seguinte nota fixando sua posição, face aos rumores da demissão do ministro João Pinheiro Neto. «O Brasil precisa reformar suas bases estruturais para que possa avançar, vencendo barreiras pré-estabelecidas, que dificultam a sua progressão. Teima-se, no entanto, em manter o status quo. E, os que desejam impedir essa marcha progressista, a política evolutiva, a emancipação do país, não podem querer no Ministério do Trabalho e Previdência Social o dr. João Pinheiro Neto, proclamando porque se situa na vanguarda daqueles que procuram por uma revisão radical na nossa estrutura econômico-social. Pretensões fúteis são invocadas, para, obviamente, retirar-lhe o direito de realizar, no campo social, a transformação que hoje prevalece no mundo. E isto não convém aos países imperialistas, que tiram enormes proveitos dessas relações. Recente trabalho de um economista soviético estima que nada menos de 16 bilhões de dólares são transferidos anualmente dos países subdesenvolvidos para os países imperialistas somente por via do intercâmbio não-equivalente, ou da deterioração na relação de trocas. Se a esta quantia forem somados outros 4 bilhões resultantes aos lucros dos investimentos estrangeiros nos subdesenvolvidos, encontramos que a cada um dos 550 milhões de habitantes dos países imperialistas correspondem por ano nada menos de 36 dólares que não são fruto do trabalho desses países, simplesmente extraídos através da espolição. O caso do Brasil é bem expressivo. Como se sabe, a quase totalidade do nosso comércio exterior é feito com os Estados Unidos e demais países imperialistas. Em 1954, a cada brasileiro tocavam na exportação 73 quilos de mercadorias; em 1961, o peso de produtos exportados por habitante já havia subido a 174 quilos. Ao mesmo tempo em que aumentava em mais do dobro o volume exportado, a receita do comércio de exportação por habitante caía, entre 1954 e 1961, de 27 para 19 dólares por ano. Faltam as contas, verifica-se que em 1961, relativamente aos níveis de preços de 1954, cada brasileiro concorreu com 37 dólares para a economia dos países capitalistas desenvolvidos, sem nada receber em retribuição. E isso somente através das trocas não-equivalentes. É claro que essa espolição é feita por meios indiretos, mediante procedimentos clássicos no comércio de tipo colonial, mas que, em última análise, podem ser traduzidos na fórmula adotada pelos monopólios imperialistas: vender suas mercadorias a preços crescentes e comprar os produtos primários a preços decrescentes. Não se deve esperar, evidentemente, que a Conferência Internacional de Comércio possa dar solução a problemas de tamanha profundidade. Mas, sua importância reside precisamente em que tenha sido convocada para debatê-los.

NOTA DO CGT

Sob o título de "O CGT e os trabalhadores: e o povo", diz a nota do Comando Geral dos Trabalhadores: «A situação política do país vale a pena agravar como decorrência da estrutura econômica vigente que corresponde ao domínio do lucro e do imperialismo. Nas greves de 5 de julho e 11 de setembro alertamos a Nação e indústrias que os nossos problemas só seriam resolvidos com a formação de um governo nacionalista e democrático cuja tarefa seria a realização das Reformas de Base contidas no Resolucão de IV Encontro Sindical Nacional dos Trabalhadores. Nossas indicações já foram consideradas pelo Governo e o po-

vo continuou aderindo ao conservadorismo da política econômica e financeira que nos é imposta pelo Fundo Monetário Internacional com o agravamento da situação de cada vez que leva o povo ao desespero. O ministro do Trabalho, dr. João Pinheiro Neto, denunciou a Nação que a razão da carestia existente no Brasil decorre da política econômica e financeira imposta pelo FMI, através de acordos comerciais internacionais, que constituem o cerne da administração do país, ex. o caso do sr. Roberto Campos e outros.

Por ter dito esta verdade, o ministro João Pinheiro Neto teve sua cabeça posta a prêmio no seio do governo, ao invés de receber apoio no sentido de mandar apurar em detalhes a denúncia.

Um velho lutador

Morreu Spencer Bittencourt, velho combatente revolucionário da classe operária, antigo membro do Partido Comunista. Seu nome era conhecido nacionalmente há muitos anos como um dos mais firmes e denodados lutadores pelo socialismo em nosso País. Militante sindical nos anos de 30, funcionário do Banco Português, no Rio, Spencer Bittencourt destacou-se naquela época por sua atuação à frente dos trabalhadores de sua categoria profissional pelas reivindicações de caráter econômico e social que se levantavam então. Vice-presidente do Sindicato dos Bancários, em 1934, Spencer Bittencourt teve papel saliente à frente de um potente movimento grevista através do qual os bancários reclamavam a criação de um Instituto de Aposentadoria e Pensões. Era uma época difícil para os trabalhadores, que em nosso País apenas começavam a alcançar os primeiros benefícios de caráter social, com um enorme atraso em relação a outros países, não só da Europa como da própria América Latina. Reivindicar semelhantes benefícios, aquela época, era, entre nós, "comunismo" para a classe patronal e para a imprensa que lhe defendia os interesses. Spencer Bittencourt não tardaria em ser punido por sua atividade de dirigente sindical. Foi sumariamente demitido do Banco Português. Mas já então Spencer Bittencourt era mais do que um dirigente sindical; era membro do Partido Comunista. Via que não bastava, para os trabalhadores, conseguir, de tempos em tempos, uma melhoria precária de seus salários e vencimentos. Compreendera a necessidade de mudar a pró-



Um velho lutador

pria ordem de coisas dominante no Brasil, lutando pela emancipação social dos trabalhadores e pela libertação do País do domínio dos grupos monopolistas internacionais, do imperialismo. Ao ser fundada a Aliança Nacional Libertadora, Spencer Bittencourt tornou-se um de seus melhores combatentes, compreendendo a importância de uma ampla frente única de todos os antifascistas, democratas, patriotas, decididos a livrar o País da ameaça de fascização e conquistar sua independência econômica. Com a derrota do movimento armado nacional-libertador de novembro de 1935, a qual se sucederam terríveis perseguições aos aliancistas e em particular aos comunistas, Spencer Bittencourt é preso. Suporta valerosamente as humilhações e as torturas da polícia. Posto em liberdade, continuaria sua luta de comunista e patriota. Durante o Estado Novo, Spencer Bittencourt seria encarcerado sucessivas vezes, conservando-se invariavelmente fiel às suas convicções e aos seus ideais. Há uns dez anos já Spencer Bittencourt sofria constantes abalos em sua saúde. Mas até o fim de seus dias conservou-se em seu posto de combatente revolucionário. Os funerais de Spencer Bittencourt realizaram-se no dia seguinte ao seu falecimento, à tarde de 3 de dezembro, no cemitério São João Batista. Em nome dos comunistas, falou à beira do túmulo Ivã Ramos Ribeiro. NOVOS RUMOS fez-se representar por Almir Matos e Guttenberg Cavalcanti. Aos familiares de Spencer Bittencourt deixamos aqui as nossas condolências.

Nota Econômica

O fato de ter sido aprovada a convocação, para setembro do próximo ano, da Conferência Internacional de Comércio, no âmbito das Nações Unidas, não significa, de modo algum, que o terreno esteja limpo e livre de percalços. Basta atentar no resultado da votação final para a convocação. Contra a Conferência em 1963, numa clara manobra puramente dilatória, votaram os principais países capitalistas desenvolvidos: Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Bélgica, além de outros de menor significação. A Alemanha, como se sabe, não faz parte da ONU. Entretanto, a favor da reunião manifestaram-se o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, países que ostentam elevadas rendas. É visível a razão de ser para semelhante tomada de posição pelos três últimos países: a Austrália e a Nova Zelândia porque têm na exportação de produtos primários a principal fonte de sua receita em divisas e o Canadá porque o aprofundamento dos vínculos econômicos com a Inglaterra (consequência da adesão inglesa ao Mercado Comum Europeu) significa para o Canadá a absorção total pelos Estados Unidos, conforme declarações dos próprios governantes canadenses. Todavia, a contagem final dos votos fornece um quadro da polarização que se processou na ONU: 70 votos a favor da Conferência, 10 contrários e 23 abstenções. Os países socialistas, que, aliás, tiveram a iniciativa na convocação da Conferência, através do projeto apresentado pela União Soviética, manifestaram-se unanimemente ao lado dos subdesenvolvidos. Raramente observa-se tão nítida divisão de campos na ONU. Isto se deve, sem dúvida, a que é cada vez maior a consciência dos países subdesenvolvidos da espolição de que são vítimas por parte dos países imperialistas e, de outra parte, ao fato de que já existe a possibilidade de lutar contra essa espolição de maneira organizada e em escala internacional. Tal possibilidade foi criada pela existência e o fortalecimento do mundo socialista e todos os fenômenos daí decorrentes, entre os quais avulta o desmoronamento do mundo colonial. A Conferência Internacional de Comércio

Importância da Conferência Internacional de Comércio

tem em vista discutir os principais aspectos das relações econômicas e particularmente de comércio que hoje prevalecem no mundo. E isto não convém aos países imperialistas, que tiram enormes proveitos dessas relações. Recente trabalho de um economista soviético estima que nada menos de 16 bilhões de dólares são transferidos anualmente dos países subdesenvolvidos para os países imperialistas somente por via do intercâmbio não-equivalente, ou da deterioração na relação de trocas. Se a esta quantia forem somados outros 4 bilhões resultantes aos lucros dos investimentos estrangeiros nos subdesenvolvidos, encontramos que a cada um dos 550 milhões de habitantes dos países imperialistas correspondem por ano nada menos de 36 dólares que não são fruto do trabalho desses países, simplesmente extraídos através da espolição. O caso do Brasil é bem expressivo. Como se sabe, a quase totalidade do nosso comércio exterior é feito com os Estados Unidos e demais países imperialistas. Em 1954, a cada brasileiro tocavam na exportação 73 quilos de mercadorias; em 1961, o peso de produtos exportados por habitante já havia subido a 174 quilos. Ao mesmo tempo em que aumentava em mais do dobro o volume exportado, a receita do comércio de exportação por habitante caía, entre 1954 e 1961, de 27 para 19 dólares por ano. Faltam as contas, verifica-se que em 1961, relativamente aos níveis de preços de 1954, cada brasileiro concorreu com 37 dólares para a economia dos países capitalistas desenvolvidos, sem nada receber em retribuição. E isso somente através das trocas não-equivalentes. É claro que essa espolição é feita por meios indiretos, mediante procedimentos clássicos no comércio de tipo colonial, mas que, em última análise, podem ser traduzidos na fórmula adotada pelos monopólios imperialistas: vender suas mercadorias a preços crescentes e comprar os produtos primários a preços decrescentes. Não se deve esperar, evidentemente, que a Conferência Internacional de Comércio possa dar solução a problemas de tamanha profundidade. Mas, sua importância reside precisamente em que tenha sido convocada para debatê-los.

FORA DE RUMO

Paulo Moffa Lima

IMPORTANTE CONTRIBUIÇÃO ÀS RELAÇÕES ENTRE O BRASIL E A POLÔNIA

Além da assinatura do contrato para a construção da central termoelétrica de 200 mil kw, de outro contrato para fornecimento de 50 mil toneladas de trigo, num montante de 33,5 milhões de dólares, importantes resultados foram obtidos com a recente visita ao Brasil do ministro do Comércio Exterior da Polônia, sr. Witold Trampzinsky. No comunicado oficial conjunto distribuído ao fim dos entendimentos e conversações mantidas no Brasil pela delegação polonesa, destacam-se, entre outros, os seguintes pontos: — foi discutida a maneira de utilização do crédito de 70 milhões de dólares aberto pela Polónia ao Brasil, em maio de 1961, para aquisição de bens de capital de alta essencialidade para o Brasil; — serão atualizadas em breve prazo as listas de bens de capital e equipamento industrial polonesas, assim como serão examina-

moeracia — estão aplicando contra dezenas de trabalhadores de jornais e revistas o famigerado Decreto 9.070, despedindo profissionais até de 30 anos de serviço sem lhes pagar qualquer indenização. Recusam-se sistematicamente a discutir a reivindicação salarial e implantam nas redações um intolerável ambiente de delação e ameaças. Substituem eles próprios o antigo DIP, Quanto ao ISEB, instituto de estudos superiores que vem realizando um sério trabalho de pesquisa e elaboração dos problemas nacionais, é alvo do ódio obscurantista de Lacerda e seus apunha-

dos e enfraquecidas as suas fileiras e, desse modo, passam ele e os demais entreguistas a fazer o que quiserem contra os interesses do Brasil e de nosso povo. Sabem perfeitamente essas apátridas que o movimento sindical unido, amplo e poderoso é o grande baluarte da luta pela emancipação nacional e a democracia. Querem por isso atingi-lo, sob o demoralizado pretexto de "infiltração comunista" para submeter os trabalhadores aos métodos fascistas, a proibição das greves, a violência de todo tipo, como as cometidas no Rio pelo "democrata" Lacerda. 2) Investida contra a eleição de candidatos nacionalistas e populares. Baseando-se em informações policiais (as famosas "fichas" da polícia política onde proliferam tipos como Borer), juízes eleitorais cassam mandatos soberanamente conferidos pelo povo, numa verdadeira afronta ao eleitorado independente. Os mandatos cassados são os de representantes autênticos dos trabalhadores e dos sargentos, SAs, cassados em nome da "democracia" — uma democracia que permite, entretanto, que traidores como João Mendes sejam eleitos através de manipulações das massas e tubarões como Sebastião Pais de Almeida comparem um mandato de deputado por 200 milhões de cruzeiros. 3) Ameaças aos estudantes e às entidades estudantis. Como se sabe, o antigo espionista nazista Raimundo Padilha, hoje figura de proa da UDN, chegou a apresentar à Câmara o pedido de formação de uma comissão de inquérito para capturar irregularidades no funcionamento da UNE e outras prestigiosas entidades representativas do movimento estudantil. O que pretendem é dar cobertura legal ao arbítrio de Lacerda e seus filhos, que em agosto de 1961 tiveram a audácia de "interditar" a UNE e, em seguida, praticaram com a sua sede um covarde atentado à mão armada, que iria se repetir no recente Congresso de Petrópolis. Querem golpear pela violência o movimento estudantil, que já é alvo de uma campanha sistemática de mentiras e intimações, movida por jornais como "O Globo", espiados pela embaixada dos Estados Unidos. 4) Ataques e violências contra a intelectualidade democrática. Dois exemplos dos últimos dias: a repressão brutal contra os jornalistas profissionais da Guanabara e a furiosa campanha iniciada por Carlos Lacerda contra o ISEB. Os jornalistas carípcos, por reivindicarem aumento de salários e se solidarizarem com os gráficos em greve, sofreram e estão sofrendo a mais infame ofensiva do terrorismo econômico. Os donos da "grande imprensa" — dessa mesma imprensa que vive pondo o Brasil em leilão, em nome da "de-

moeracia" — estão aplicando contra dezenas de trabalhadores de jornais e revistas o famigerado Decreto 9.070, despedindo profissionais até de 30 anos de serviço sem lhes pagar qualquer indenização. Recusam-se sistematicamente a discutir a reivindicação salarial e implantam nas redações um intolerável ambiente de delação e ameaças. Substituem eles próprios o antigo DIP, Quanto ao ISEB, instituto de estudos superiores que vem realizando um sério trabalho de pesquisa e elaboração dos problemas nacionais, é alvo do ódio obscurantista de Lacerda e seus apunha-

Nôvo endereço da ULTAB

A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) transferiu sua sede para novas e mais amplas instalações a fim de melhor poder atender o crescente movimento de trabalhadores que diariamente acorrem à sede. O novo endereço da ULTAB é Rua Andoré do Nascimento, 100, sala 3, Tel.: 35-0627, na capital de São Paulo.

Fora de Rumo Paulo Moffa Lima

A passagem do governador Lacerda pela Europa foi fixada em dois tipos de noticiário. Os jornais registraram entendimentos do antigo colaborador do "Observador Econômico" na Alemanha ocidental, com figuras do revanchismo. Na França, Lacerda visitou restaurantes famosos. De volta, logo retomou a atividade política. Assim, o vimos, encorajado pelos exemplos dos antigos colaboradores de Hitler, a exaltar, na televisão, a política de guerra fria, cujos êxitos proclama. A passagem pelos lugares de Paris onde se come bem enriqueceram-lhe as exindiais, dando-lhe como ornamento nôvo uma papada suína.

O otimismo de Lacerda, entretanto, está em contradição com alguns fatos que chegam pelo telégrafo ao nosso conhecimento. Assim, a demissão de mais de mil operários da fábrica americana de automóveis Kaiser dá nôvo colorido ao desmereço que lavra na metrópole do capitalismo. Adenauer sofre pressão de seu próprio partido, a fim de que indique sucessor ao completar 86 anos. Confunde-se a decadência de um sistema com o envelhecimento de um herói carismático.

Influenciados pelo cinema, jovens venezuelanos formam um Bando de Jaquetas Negras que se dedica à prática de assaltos, com roubos e mortes, ao mesmo tempo em que Lincoln Rockwell, "führer" do Partido Nazista norte-americano, convocou os Jaquetados pardas de todo o mundo para um congresso nazista a realizar-se na terra dos gorilas, em Buenos Aires. Numa das linhas domésticas dos Estados Unidos, marinheiros rigorosamente ocidentais e cristãos molestam uma aeromoça em pleno vôo e subornam os demais tripulantes do aparelho a fim de não serem denunciados. Isto enquanto, no mesmo país, um porta-ladrão (versão, lanque do nosso poeta-mercador Schmidt), assalta a tiensseurtes, recitando versos, coisa ao mesmo tempo bela e horrível. Por fim (isto é resumo do noticiário de um dia apenas) fecham as portas os cassinos da capital argentina. Não se trata de medida moralizadora, mas de providência dos empregadores que não querem pagar o aumento de quarenta por cento exigido pelos empregados daquelas beneméritas instituições do mundo livre.

O congresso dos comunistas húngaros

Alianças da Classe Operária e Democracia Socialista

Realizou-se na última semana de outubro o VIII Congresso do Partido Socialista Operário Húngaro...

O isolamento das forças hostis e a repressão das atividades hostis constituem uma tarefa importante da luta de classe...

As experiências do movimento operário internacional confirmam o ensinamento do marxismo-leninismo de que a classe operária pode conduzir vigorosamente a luta pela paz...

Com a reorganização socialista da agricultura, a aliança operário-camponesa reforçou-se e adquiriu um novo conteúdo...

Força dirigente da unidade socialista nacional são a classe operária e o seu partido revolucionário...

Húngaro. A colaboração de todas as classes e camadas de trabalhadores da nossa sociedade...

Na fase precedente da revolução socialista, nos diversos campos da vida social e política, era necessária e justa a consideração da origem social...

Eliminamos as velhas classes exploradoras. Não existem classes ou camadas sociais cujos interesses sejam contrários ao socialismo...

Depois que as bases do socialismo foram lançadas, muda o caráter da luta de classes e os seus instrumentos...

Ordem estatal em nossos países reforçou-se nos últimos anos. O poder operário estável, goza da confiança e do apoio das massas...

Condição indispensável para a edificação do socialismo é a estabilidade do poder popular, a ditadura do proletariado...

Um número cada vez maior de tarefas passa da competência dos órgãos estatais diretamente para a competência dos organismos sociais e das organizações de massa...

Entre a ditadura do proletariado e o Estado de todo o povo não existe um rígido muro divisorio...

O problema essencial para o posterior progresso do nosso Estado socialista é a formação do Estado de todo o povo e o desenvolvimento cada vez mais amplo da democracia socialista...

Como resultado das firmes e hábeis ações da União Soviética, consistente de sua responsabilidade histórica, de uma superior compreensão dos interesses da paz e do socialismo...

Entre a ditadura do proletariado e o Estado de todo o povo não existe um rígido muro divisorio...

Os acontecimentos do Caribe demonstraram claramente que não se pode confiar na aparente unidade e completa comunidade de interesses dos participantes do agressivo Bloco do Atlântico Norte...

VANGUARDA DA LUTA PELA PAZ

B. Penomariov

Em sua edição do dia 18 de novembro, Pravda, órgão do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, publicou um artigo de Boris Penomariov...

O tempo confirmou que a única política justa nas relações internacionais é a política da coexistência pacífica entre os diferentes sistemas sociais...

Os acontecimentos recentes, durante os quais surgiram várias crises internacionais graves, representam uma severa comprovação da conclusão dos comunistas sobre a possibilidade de se conjugar a guerra mundial...

Como resultado das firmes e hábeis ações da União Soviética, consistente de sua responsabilidade histórica, de uma superior compreensão dos interesses da paz e do socialismo...

Os acontecimentos do Caribe demonstraram claramente que não se pode confiar na aparente unidade e completa comunidade de interesses dos participantes do agressivo Bloco do Atlântico Norte...

Os acontecimentos do Caribe demonstraram claramente que não se pode confiar na aparente unidade e completa comunidade de interesses dos participantes do agressivo Bloco do Atlântico Norte...

em torno de Cuba demonstram as amplas massas populares de todas as partes do globo quanto estão certos os comunistas quando advertem incansavelmente do perigo que se apresenta para a humanidade e o imperialismo...

Os partidos comunistas consideram a luta pela paz como sua tarefa primordial. Suas palavras-de-ordem e seus programas de ação partem da tese das Conferências de Moscou, segundo a qual a luta pela paz significa, hoje, manter a mais elevada vigilância, desmascarar incansavelmente a política do imperialismo...

É bastante expressivo que nas recentes eleições para o Congresso norte-americano tenham sido reeleitos os mais furiosos instigadores de guerra...

Os acontecimentos do Caribe demonstraram claramente que não se pode confiar na aparente unidade e completa comunidade de interesses dos participantes do agressivo Bloco do Atlântico Norte...

Os acontecimentos do Caribe demonstraram claramente que não se pode confiar na aparente unidade e completa comunidade de interesses dos participantes do agressivo Bloco do Atlântico Norte...

Cuba revolucionária. A vida demonstra que a união dos estómos dos povos dos países libertados e dos povos dos Estados socialistas representa, na luta contra o perigo de guerra, um fator da mais alta importância para a paz mundial.

A marcha da crise confirmou por completo, mais uma vez, a justiça da conclusão dos comunistas sobre a possibilidade de se evitar a guerra mundial através da luta energica e decisiva contra as forças imperialistas agressoras...

Os partidos comunistas consideram a luta pela paz como sua tarefa primordial. Suas palavras-de-ordem e seus programas de ação partem da tese das Conferências de Moscou...

É bastante expressivo que nas recentes eleições para o Congresso norte-americano tenham sido reeleitos os mais furiosos instigadores de guerra...

Os acontecimentos do Caribe demonstraram claramente que não se pode confiar na aparente unidade e completa comunidade de interesses dos participantes do agressivo Bloco do Atlântico Norte...

Os acontecimentos do Caribe demonstraram claramente que não se pode confiar na aparente unidade e completa comunidade de interesses dos participantes do agressivo Bloco do Atlântico Norte...

O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA ATUALIDADE

Planificação: Método de Desenvolvimento da Economia Nacional

E. Bragilda

Um dos fenômenos que passaram a ser observados na economia dos países subindustrializados é a planificação. Atualmente, na Ásia não existe um único país em que não sejam realizados planos de desenvolvimento da economia nacional...

Tal fato não é casual. Nos jovens Estados da Ásia e da África que conquistaram sua independência política, os interesses do rápido progresso econômico do país exigem uma utilização racional e cuidadosa dos recursos existentes...

TORTURADOC LIDER ANTIFRANQUISTA

A selvageria da ditadura franquista recrudescerá à medida em que os patriotas espanhóis intensificam suas lutas para libertar a pátria da tirania. Multiplicam-se as prisões e os espancamentos...

Notícias recentes dão conta de que o líder antifranquista Julian Grimau se encontra gravemente ferido e enfermo em virtude de bárbaras torturas policiais nos cárceres espanhóis.

Os democratas de todos os países devem erguer sua voz contra mais esse crime de Franco protestando de todas as formas, inclusive enviando telegramas e baixo-assinados às embaixadas da Espanha.

Um profundo interesse pelas vantagens da economia planificada é motivado pela experiência histórica da União Soviética, que demonstrou a possibilidade de um aproveitamento mais eficiente dos recursos materiais e da capacidade de trabalho do país...

Os planos de economia nacional vigentes nos países atrasados do ponto de vista econômico acham-se calculados para prazos diferentes. Os mais frequentes são para um período de cinco anos, como, por exemplo, na Índia, Birmânia, Iraque e Camboja...

A maior parte desses programas prevê somente os índices mais gerais: o volume das inversões estatais e o incremento da renda nacional que se espera o nacional que se consuma e da ocupação...

Na maioria dos planos de perspectiva ocupam importante lugar os gastos com a agricultura; na Birmânia e no Camboja, 27%; no Cêlio, 30%; na Índia, 24%; no Marrocos, 32%...

A escala que abrangem os programas em perspectiva da economia nacional são diferentes. Na Índia, RAU e Cêlio prevê-se a inversão de meios estatais nas esferas mais importantes da economia...

As dotações estatais para programas e perspectiva compõem a massa fundamental de todas as inversões de capital na economia nacional. De conformidade com os planos vigentes na atualidade, o volume das inversões estatais na soma total de inversões é de 45% na Birmânia, 62% no Cêlio, 61% na Índia, cerca de 50% em Gana, Nigéria e RAU...

De conformidade com o primeiro plano quinquenal, na RAU, teve início uma ampla construção de fábricas e oficinas modernas. De acordo com o segundo plano quinquenal, dedicará-se à indústria aproximadamente uma terça parte da soma total das inversões de capital. A parte fundamental dos meios é destinada a setores bastante importantes, como as indústrias de energia, de petróleo e a metalurgia.

Na realização dos programas econômicos de perspectiva tropeça com grandes dificuldades. A elaboração dos programas de perspectiva exige determinar com vários anos de antecedência o volume das inversões de capital e das fontes, que cobrirão as despesas. Compreende-se que a inesperada redução das dotações se faça sentir fortemente no cumprimento de

ram a possibilidade de realizar uma ampla construção de estradas. As estradas construídas pelos colonizadores estavam em sua maioria adaptadas para a exportação de matérias-primas das regiões interiores para os portos marítimos e com fins estratégico-militares. Por isso atualmente os governos dos Estados soberanos vêm-se obrigados a dedicar elevados recursos para o desenvolvimento da infraestrutura.

Nos países que se libertaram e absolutamente necessário o assenso da indústria nacional. Até o presente, a parte da produção industrial, inclusive a pequena indústria, na renda nacional desses países não supera 20%, em comparação com 70% a 80% nos Estados capitalistas. Por isso os jovens Estados planejam as inversões na indústria por meio de sua economia permite. O governo da Índia, por exemplo, aumentou consecutivamente o volume das inversões de capital planificadas na indústria de 1 bilhão e 800 milhões de rúpias no primeiro plano quinquenal para 8 bilhões e 900 milhões no segundo e 15 bilhões no terceiro. Sua parte na soma total de dotações estatais durante 10 anos aumentou de 7 para 20%.

De conformidade com o primeiro plano quinquenal, na RAU, teve início uma ampla construção de fábricas e oficinas modernas. De acordo com o segundo plano quinquenal, dedicará-se à indústria aproximadamente uma terça parte da soma total das inversões de capital. A parte fundamental dos meios é destinada a setores bastante importantes, como as indústrias de energia, de petróleo e a metalurgia.

Na realização dos programas econômicos de perspectiva tropeça com grandes dificuldades. A elaboração dos programas de perspectiva exige determinar com vários anos de antecedência o volume das inversões de capital e das fontes, que cobrirão as despesas. Compreende-se que a inesperada redução das dotações se faça sentir fortemente no cumprimento de

todo o plano, porquanto leva à conservação da construção e à paralisação dos recursos já investidos. A economia dos países subindustrializados acha-se em grande dependência dos preços mundiais das matérias-primas industriais e agrícolas, que estão submetidos a bruscas oscilações, e por isso a redução das rendas provenientes da exportação diminui os recursos orçamentários do governo, o que no fim das contas leva à não-realização dos planos. Assim, por exemplo, a queda dos preços mundiais do arroz piorou bruscamente o balanço do comércio exterior da Birmânia e foi essencialmente a causa da anulação de seu primeiro plano de oito anos.

A mobilização dos recursos internos através do orçamento estatal é a fonte principal para o financiamento dos planos econômicos. Como os Estados, salvo raras exceções, não dispõem de receitas procedentes das empresas industriais e comerciais, que se concentram no setor privado, recorrem a uma ampla carga de impostos. Deste modo, por exemplo, no terceiro plano quinquenal da Índia, prevê-se obter na base dos impostos, mais de 20% dos recursos.

É compreensível que não se possa identificar o planejamento nos países atrasados com o planejamento socialista. Enquanto se conservar a propriedade privada sobre os meios de produção, os programas de desenvolvimento serão reais apenas no setor estatal. E certo que os governos nacionais assinalam o volume dos investimentos das empresas privadas, mas essas indicações têm somente o caráter de recomendação e não são obrigatórias. As inversões do setor privado são determinadas principalmente pelas possibilidades de uma rápida obtenção de lucros. Não obstante, o papel dos programas de perspectiva na criação da economia nacional é indiscutível. As forças progressistas dos países da Ásia e da África utilizam a planificação com o fim de ampliar o setor estatal, criar a indústria nacional e deslocar o capital estrangeiro.

Com a publicação deste artigo, NR conclui a série de trabalhos de especialistas soviéticos sobre questões atuais do movimento de libertação nacional nos países coloniais, anticoloniais e subdesenvolvidos do mundo socialista e latino-americano. Os trabalhos constantes desta série foram publicados nos números 193, 197 e 198.

Teoria e Prática Apolônio de Carvalho

A contribuição da burguesia ao avanço da democracia no Brasil e, assim, profundamente contraditória: participa desse processo, mas procura limitá-lo...

A mobilização dos recursos internos através do orçamento estatal é a fonte principal para o financiamento dos planos econômicos.

Como os Estados, salvo raras exceções, não dispõem de receitas procedentes das empresas industriais e comerciais, que se concentram no setor privado, recorrem a uma ampla carga de impostos.

É compreensível que não se possa identificar o planejamento nos países atrasados com o planejamento socialista. Enquanto se conservar a propriedade privada sobre os meios de produção, os programas de desenvolvimento serão reais apenas no setor estatal.

Com a publicação deste artigo, NR conclui a série de trabalhos de especialistas soviéticos sobre questões atuais do movimento de libertação nacional nos países coloniais, anticoloniais e subdesenvolvidos do mundo socialista e latino-americano.

O processo democrático e as classes de nossa sociedade

(Resposta ao leitor Aldo Neves, de Bagé, Rio Grande do Sul) — 11 —

grevistas, a liberdade de pensamento, a unidade da classe, o direito dos oprimidos e a solidariedade internacional dos trabalhadores.

Seria falso, igualmente, ver a atual legislação do trabalho como uma dívida da burguesia. Em 70 anos, suas conquistas vêm sendo arrancadas, uma a uma, às velhas classes dominantes e a burguesia em ascensão.

Até 1887, não existiam, praticamente, leis trabalhistas no país. Sua conquista faz-se pouco a pouco — e com caráter local. O direito à aposentadoria e conquistado em 1890; a abolição das multas e a regulamentação do trabalho dos menores, em 1891; a legalidade das organizações sindicais em 1907; a lei sobre acidentes de trabalho, em 1919; a lei de férias, em 1925. As classes dominantes negam, porém, tenazmente, inúmeras outras reivindicações. Desde 1895, a classe operária exige o repouso semanal remunerado, a jornada de 8 horas, o salário mínimo, os contratos coletivos, a redução de trabalho para mulheres e menores, salário igual para trabalho igual, a instrução científica e profissional para todos, a autonomia de suas organizações. Em 1901 e 1902, ela ergue as bandeiras novas da Justiça do Trabalho e do direito de greve.

E o mesmo pode-se dizer das liberdades democráticas em geral. Desde 1892, o proletariado brasileiro pleiteia, em seus congressos, a ampliação da democracia burguesa. Em 1895, o Centro Socialista de Santos levanta as bandeiras do sufrágio universal, da liberdade de imprensa e de associação, do imposto progressivo sobre a renda, da anulação dos acordos lesivos ao interesse nacional. Esse programa amplia-se em 1901 e 1902 com a luta pela instrução gratuita e obrigatória, pela gratuidade da Justiça, pelo divórcio, pela igualdade política das mulheres; de 1911 a 1918, com a luta ampla pela paz, pela autodeterminação dos povos, pela solidariedade internacional. A partir de 1922, já guiada por seu Partido Comunista, a classe operária abre os caminhos claros da ampliação de nossa democracia e de seu coroamento natural no socialismo e numa sociedade comunista sem classes.

Essa luta continua, hoje, ao lado de todas as forças populares e progressistas. Ela visa, com um novo poder político, a uma legalidade nova, ampla, real: uma democracia chamada a encerrar na vida as liberdades conquistadas; a desenvolvê-las, dia a dia, e a refleti-las, em sua forma e em seu conteúdo, nas aspirações de nosso povo e o caráter de nossa época.

REVISTA INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

publicações mensais (revistas teóricas e de Informação Internacional), em espanhol, alemão, francês, japonês, magiar e russo. A venda na Livraria da Bandeira, 312, loja 2, S.P. (Capital). Preço: Cr\$ 150,00 o exemplar.

TRAJETÓRIA DE ÁLVARO LINS

Canto de Página

Enxada

Saudando mocinhas

Rui Facó

É uma seria prova a que se submete um homem de pensamento reproduzir, depois de vinte anos, trabalhos relacionados com problemas da época em que os escreveu. Sobretudo quando esses vinte anos representaram verdadeira revolução para a sociedade humana e mudanças importantes para o seu próprio país. Não foi só a vitória sobre o fascismo, o esmagamento das principais forças reacionárias no mundo, o surgimento do sistema socialista mundial, a projeção da União Soviética na plenitude de suas potencialidades e, no Brasil, a queda da ditadura, enquanto nossa vida política nacional renovava-se, suscitando novas atitudes em novos quadros. Foi tudo isto e mais uma enorme mudança na mentalidade dos homens, na sua compreensão do mundo e da marcha da História.

Álvaro Lins submeteu-se corajosamente a esta prova. E dela podemos dizer que se saiu perfeitamente bem. No curso destes dois decênios, sendo ele há vinte anos um jovem e hoje na idade madura, revela uma qualidade excepcional: coerência. Não que isto signifique imutabilidade, que em geral conduz à estagnação. Álvaro Lins é um homem que não tem medo de sustentar, ante impressões diferentes que lhe ocorreu a leitura de um romance no espaço de dez anos: "Mudamos nós". É verdade que outros mudam, mas para pior, rotineiramente. Isto aconteceu particularmente no vendaval da Segunda Guerra. Quando ficou claro em favor de que forças se decidia o grande embate universal, não faltaram entre nós passes de magia e trampolagens neste mesmo domínio da literatura e da arte. Sem falar na política. Não eram mudanças, e evolução de idéias: eram adaptações oportunistas.

Álvaro Lins tem seguido invariavelmente uma linha reta e ascensional. As idéias, os pontos de vista, as posições por ele assumidas e defendidas são idéias, pontos de vista e posições de um democrata autêntico. E por isso mesmo sobreviveu, no essencial, depois de tão longo período de tempo e de tantas e tantas transformações no mundo e em nosso País, os ensaios político-literários escritos por Álvaro Lins a partir de 1939 e agora enfiados em volume sob o título *A Glória de César e o Punhal de Brutus* (*). Mas o importante, mais importante do que a sobrevivência destes ensaios, é a evolução mental e política do seu autor, e ao lado disso uma ação de sua parte, na vida quotidiana, que corresponde às idéias programáticas que abraçou. Álvaro Lins não teme a luta de idéias, ao contrário, ama esta luta, provocando, não encontrando, infelizmente, um meio muito favorável ao seu debate, pois

neste meio, sobretudo há vinte anos, prevaleciam os sentimentos sobre as idéias. Em vários ensaios da década de 40, Álvaro Lins trata de uma questão que parecia inquietá-lo sempre: a posição dos católicos em face dos problemas humanos e universais. "A agonia dos católicos" e um dos mais lúcidos de seus trabalhos daquela época. Observava ele então com perspicácia: "E que tanto o domínio puramente cultural como no domínio político, os católicos estão sempre chegando tarde demais ou não chegando jamais a parte alguma. Em geral não sabem reconhecer a verdade quando ela se acha com os não católicos... E ficamos sem compreender os fenômenos de um mundo em revolução permanente. Os católicos não compreendem a Revolução protestante, não compreendem a Revolução Francesa, não estão compreendendo a Revolução dos nossos dias. Preferem ficar com as cartilhas mais odiosas ou deturpadas..." (p. 72).

A observação e profetismo não é suficiente para a idade madura, revela uma qualidade excepcional: coerência. Não que isto signifique imutabilidade, que em geral conduz à estagnação. Álvaro Lins é um homem que não tem medo de sustentar, ante impressões diferentes que lhe ocorreu a leitura de um romance no espaço de dez anos: "Mudamos nós". É verdade que outros mudam, mas para pior, rotineiramente. Isto aconteceu particularmente no vendaval da Segunda Guerra. Quando ficou claro em favor de que forças se decidia o grande embate universal, não faltaram entre nós passes de magia e trampolagens neste mesmo domínio da literatura e da arte. Sem falar na política. Não eram mudanças, e evolução de idéias: eram adaptações oportunistas.

Álvaro Lins tem seguido invariavelmente uma linha reta e ascensional. As idéias, os pontos de vista, as posições por ele assumidas e defendidas são idéias, pontos de vista e posições de um democrata autêntico. E por isso mesmo sobreviveu, no essencial, depois de tão longo período de tempo e de tantas e tantas transformações no mundo e em nosso País, os ensaios político-literários escritos por Álvaro Lins a partir de 1939 e agora enfiados em volume sob o título *A Glória de César e o Punhal de Brutus* (*). Mas o importante, mais importante do que a sobrevivência destes ensaios, é a evolução mental e política do seu autor, e ao lado disso uma ação de sua parte, na vida quotidiana, que corresponde às idéias programáticas que abraçou. Álvaro Lins não teme a luta de idéias, ao contrário, ama esta luta, provocando, não encontrando, infelizmente, um meio muito favorável ao seu debate, pois

Álvaro Lins acreditava então nos "princípios do cristianismo", que eles pudessem prevalecer. Consi-

derava porém necessário marcar sua posição a respeito dos mesmos, quando acrescentava: "Mas não aqueles que se acham apoiados pelos arranjos diplomáticos da Santa Sé e pelo oficialismo do Vaticano" (p. 120). Ao mesmo tempo comete deslizes que naturalmente decorriam ainda de ilusões que alimentava então, como ao concordar com a opinião de Harold Laski de que a Igreja Católica representava o principal obstáculo contra o capitalismo. Esta opinião, como está ali expressa, não será compreendida em sua autêntica historicidade se não se acrescentar que então a Igreja Católica sustentava o feudalismo e a nobreza feudal contra a burguesia revolucionária como hoje se identifica com o capitalismo decadente contra o socialismo em ascensão.

Quando a realidade contemporânea, Álvaro Lins se manteve firme e imutável. A esta altura escreve: "No, da Igreja..." Mas tem a coragem de indagar a seguinte: numa apostrofe condenatória que se assemelha aos dos velhos profetas: "... Que detalhe trágico do que o daquela importante figura eclesiástica que abençoava aviões italianos que iam bombardear a população de Madrid?" (p. 170).

Esta posição de há vinte anos diante da Igreja Católica denota uma profunda inquietação interior e revolta. É evidente, em diversas passagens, o esforço que fazia Álvaro Lins para harmonizar cristianismo e socialismo. Não via, certamente, a um socialismo cristão a Tolstói, ingenuo e idealista, mas acreditava, parece, numa evolução do cristianismo que chegasse a admitir o socialismo. Porque de há muito Álvaro Lins percebia que o capitalismo não oferecia nenhuma saída para os problemas fundamentais da sociedade moderna. Em plena guerra mundial, quando a ditadura do Estado Novo ainda mantinha muito de sua força e arbítrio, Álvaro Lins não temia colocar-se abertamente nas posições de um homem de esquerda, defendendo aqueles valores que somente as forças da renovação social mais avançada defendiam na época. E numa "hora de utilitarismo e fraqueza intelectual" condenava os que haviam colocado "em leilão as suas letras e as suas consciências" (p. 97), reclamando do escritor e do artista "uma posição de luta" e advertindo: "O grande perigo do escritor, sobretudo do crítico, será o de não querer aceitar as responsabilidades que atingem o seu tempo; será o medo de aceitar o que é novo, o que é ainda informe, o que é revolucionário e aparentemente impossível" (p. 110). Álvaro Lins já reconhecia então que "o fascismo é a crise final do sistema capitalista". E que "toda a crítica do marxismo ao capitalismo é de uma admirável lucidez" (p. 157). Faz no entanto objeções, neste ponto, e deixa-se levar em demasia pelo brilho de um Benedetto Croce, encampanando sua conclusão de que, se o marxismo acabasse com a luta de classes, uma vez reconhecendo que a História é a história da luta de classes, "também acabaria com a história do gênero humano". O que é naturalmente um jôgo de palavras do escritor italiano, ou uma incompreensão da afirmação do Manifesto Comunista de 1848, de que "a história de todas as sociedades que existiram até os nossos dias é a história

das lutas de classes". A que Engels acrescentou mais tarde: "isto é, a história escrita", observando que descobertas científicas posteriores à publicação do Manifesto revelaram a existência da comunidade rural primitiva como a primeira forma da sociedade, desde a Índia até a Irlanda. Hoje, depois da vitória do socialismo na URSS, se em mais de uma dezena de países está provado que a história continua sua marcha e muito mais rápida e frutiferamente com a eliminação da luta de classes. Na verdade, a história só começa mesmo com a libertação social do homem.

De certo, num livro assim, há muitas opiniões e posições com as quais o autor já não concorda, em vista mesmo da marcha dos acontecimentos, que lhe tornou claros e equivocados, como de sua própria evolução, pois Álvaro Lins demonstra passar em suas qualidades principais o sentido histórico do progresso humano, ao lado da conformação com os limites de uma organização social já ultrapassada. Isto percebe-se a cada passo, em quase todos os seus escritos. E só se compreende esta coerência, esta segurança em defender posições avançadas em pleno Estado Novo, na imprensa burguesa, quando se percebe que Álvaro Lins já tem diante de si um novo horizonte, não olha mais para trás, não se apega a idéias que embalarão talvez sua juventude, mas que se revelaram ilusórias. Porque Álvaro Lins pôs tudo à prova na prática da vida real. Ai é que faz os seus testes, chega às suas conclusões, traça o seu rumo. Em 1943 é já já havia constatado que "a organização social da burguesia — como da antiga nobreza de sangue — logo invalida o princípio de "iguais oportunidades". Estas oportunidades se foram formando — cada vez mais, privadas de uma memória" (p. 159). Dois anos depois reconhece expressamente "o esgotamento do sistema capitalista, o advento de uma nova época, o crescimento da era socialista" (p. 188). Cogitava então, com grande audácia de pensamento, "se o caminho para o socialismo é um só, o que foi percorrido pela revolução russa, ou se existem outros caminhos" (p. 199). E acrescentava: "Mas as condições modernas já permitem que o socialismo obtenha no mundo a vitória por um sistema diferente do que foi criado na Rússia" (pág. 200).

Os acontecimentos dos últimos anos fortaleceram o quanto eram pertinentes as indagações de Álvaro Lins. No entanto, manifestava contradições que hoje nos parecem chocantes, e que a ele talvez pareçam também, como ao afirmar que "os fluxos e refluxos da guerra e da paz representam os ritmos de existência dos povos". O que seria admitir a tese burguesa da inevitabilidade da guerra, ou a cristá-feudal de que "o homem e o lobo do homem". Creio que hoje o próprio Álvaro Lins, mais atento à história do desenvolvimento da sociedade humana, da luta de classes, está convencido de que a guerra não é mais uma fatalidade ante a potencialidade das forças novas que se acumularam no polo oposto ao capitalismo e ao imperialismo. Hoje, Álvaro Lins é um combatente da causa da paz, um homem que vai a União Soviética chefiando uma delegação a Conferência Mundial pela Paz e o Desarmamento. E isto, por si só, é uma profissão de fé na possibilidade de evitar a guerra.

Outras opiniões de Álvaro Lins são igualmente discutíveis. Não tenho dúvida de que hoje ele mesmo as critica e corrige. Parece-me que entre essas está a sua sugestão (de 1945) de um partido socialista naqueles moldes "elásticos" por ele prescrito. Não se compreendendo necessariamente ao marxismo ou a qualquer outro sistema ideológico. Dêe poderíamos fazer parte homens de todas as filosofias, de todas as crenças, de todas as religiões..." (p. 201). Parece que seguiriam à risca a receita de Álvaro Lins, e temos um partido do socialista com alguns homens bastante dignos pessoalmente, honrados, bem intencionados, mas que pouco representam pelo fato mesmo de ser assim indefinido.

Aquela sugestão de Álvaro Lins correspondia às suas ideias gerais sobre liberdade, igualdade, justiça, que não levavam em conta

Ajuda a NOVOS RUMOS

Duas anilhas (Copacabana - GB)	700,00
Hoteleiros (Rio-GB)	600,00
Bom Vontade (S.J. Meriti - RJ)	100,00
Operários (F.N.M. D. Caxias - RJ)	17.578,00

a divisão da sociedade em classes antagonicas, de exploradores e explorados. E a sua própria concepção de socialismo via apenas a revolução econômica espontânea do capitalismo ao socialismo, e não a luta organizada pelo socialismo, a conquista do socialismo através da luta de classes que as próprias classes exploradas impõem da a luta às classes exploradas. Estas últimas contêm de há muito em todas as possibilidades de travá-la e decidida em seu favor, em favor do socialismo. Não tenho dúvidas de que hoje isto está bem claro para Álvaro Lins, ideologicamente um homem que evoluiu para o socialismo. O último capítulo de seu livro de 1950, e sintomaticamente intitulado "Nosso escritor", escreve Álvaro Lins: "devem ser também evidentes atentos aos problemas políticos e sociais de seu tempo, homens livres que se aliem ao povo para apalpar a libertação de erros, preconceitos, superstições, injustiças e opressões".

Álvaro Lins cumpre este designio, conseguindo harmonizar sua vida de escritor à atividade prática em favor da paz entre os povos e da liberdade e felicidade para seu povo.

Noite de Música Popular Brasileira

Pixinguinha, Donga, João da Baiúna, Moreira da Silva, Dilermando Pinheiro, Ciro Monteiro, Lamartine Babo, Ze Kete, Cartola, Nelson Cavaquinho, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Carlos Lyra, Baden Powell e muitos outros estarão lá às 21 horas no Teatro Municipal, dizendo-se o samba nasceu no morro ou na cidade, falando sobre o nascimento do breque, a qualidade da "bossa nova" e outras questões interessantes, com muito violão e muita batêria.

A "Noite de Música Popular Brasileira" é uma iniciativa do CPC da UNE e será apresentada por Sérgio Porto e Vinícius de Moraes. Os ingressos são baratos, a partir de cinquenta cruzeiros, e podem ser encontrados na UNE (Praça do Flamengo, 132), livrarias, restaurantes e facultades.

LEIAM

O DESARMAMENTO E A PAZ

Nikita Kruschiov

Preço — Cr\$ 25,00

A venda pelos distribuidores de NOVOS RUMOS em todo o País.

Pedidos pelo reembolso postal (mais de 5 exemplares) a:

Editora Aliança do Brasil Ltda.

Av. Rio Branco 257 - sala 905

Rio de Janeiro - GB

NR ROMANCE

Páginas da Vida

SERGUEI EISENSTEIN

Ilustrações do autor

STROESSNER NÃO CUMPRE A PALAVRA: RECUSA-SE A LIBERTAR MAIDANA

Bom exemplo do que vale a palavra dos ditadores que ainda subsistem na América e o que recentemente aconteceu no Paraguai. O tirano Stroessner prometeu há pouco às delegações do Brasil, Chile e Uruguai, que estiveram em Assunção, libertar os professores Antônio Maidana, Julio Rojas e Ananias Maidana, desde que um país fora do Continente lhes concedesse asilo.

Não obstante a insolita e ridícula proposta do ditador, as organizações de solidariedade aos perseguidos políticos paraguaios asseguraram que o governo da Techeosviágua ofereceu asilo aos três professores. Imediatamente nova delegação uruguaia voltou ao Paraguai munida da carta-asilo e das passagens para os prisioneiros que Stroessner prometera libertar.

Mas o ditador mostrou o

valor de sua palavra, recusando a soltura, sob a alegação de que o momento não era propício, e vez que o país está em época pre-eleitoral. (No início do ano serão realizadas eleições no Paraguai. O candidato único é o próprio Stroessner, que será eleito pela terceira vez.)

Tal atitude da mais sinistra e criminoso tirania mantida à base de dólares, e armas do imperialismo yanque, demonstra, além de seu grande cinismo, seu caráter repugnante, arbitrário e desumano.

Stroessner viola não só a própria palavra que empenhou, como também as leis implantadas por seu governo. Maidana e seus companheiros estão encarcerados há cinco anos, apesar das reiteradas ordens de liber-

Arho que elas merecem, mais do que ninguém, no mês de dezembro as nossas mais cordiais saudações. Trabalham ao todo, seus salários são pequenos e eles, além da necessária aparência física, têm que andar armados de unhas e dentes para engolir desaforos e não perderem a paciência. São as mocinhas que trabalham na Blioper, nas casas ainda chamadas de dois mil réis — como se ali pudessemos encontrar qualquer coisa por esse preço. — nas grandes casas de variados artigos do nosso comércio.

É que com dezembro, chegando as festas do Natal e do Ano Bom, os presentes são procurados e nem sempre ou mesmo quase nunca os que compram são gentis. Ainda há muita gente com atitudes de senhor de escravidão — elas são as vítimas maiores. Uma senhora quer uma coisa que nem ela, nem sua sombra, nem ninguém sabe saber o que seja. Um presente, sabe? e ora é uma coisa que pode ser um passivo ou uma flor, ora é um lençinho daquelas bem baratinhas, não tem mais, mas eu ainda ontem vi aqui. Lá vai ela, a mocinha, em busca de uma coisa que o comprador não sabe o que é e muito menos ela. Afirma que não existe, mas a outra insiste e, como aquilo é o seu ganha-pão deve dar sempre razão à freguesia ou ao freguês.

Fico olhando-as imaginando o quanto estarão sofrendo que isso de servir é chato. Servir, principalmente aos que vivem no mundo e pensam em servir. Servir aqueles que se julgam donos do mundo e não são nada além de vermes que rastejam. Já vi lágrimas nos olhos de uma mocinha diante da impaciência implacável de um senhor que queria não sei o que para dar de presente a mulher. Uma outra estava tão cheia de raiva que contava com o dedo trabalhar com pessoas duras.

Por tudo isto estou pensando, e pensando nestes primeiros dias de dezembro, que a vida do trabalho delas mais intenso do que no resto do ano, saudando-as pela paciência e a coragem que devem ter-las porque têm de suportar toda a chatura do verbo servir.

Coragem, meninas!

LÊNIN, CRÍTICO LITERÁRIO

Leandro Konder

Em 22 de novembro de 1921, Lênin publicou no Pravda um rápido comentário sobre o livro *Deuze Couteaux dans le Dos de la Revolution* ("Doze facadas nas costas da revolução") de Arkadi Avertchenko. Avertchenko era inimigo mortal da revolução, emigrara para Paris, e o seu livro tinha um incoerente sentido de provocação anti-soviética.

Lênin porém, não era homem de se assustar com provocações. E não se apressou a reconhecer o talento de Avertchenko, embora a veia satírica do emigrado procurasse causar dano aquilo que constituía a própria razão da sua vida: a edificação da sociedade comunista. Já no título do artigo escrito para o Pravda, Lênin reconhecia o talento do seu adversário, pois o artigo se intitulava "Um livro de talento".

Com fina ironia, mas admirável equilíbrio, Lênin escreveu acerca do livro de Avertchenko e da paixão política de que a obra estava impregnada, dizendo: "É interessante observar como o ódio, chegando a tal grau de ebulição, inspirou passagens notavelmente fortes e notavelmente fracas, neste livro de grande talento".

Mais adiante, criticou o autor o haver-se deixado levar pelo ódio até o ponto de trair a verdade da sua própria experiência pessoal e ter procurado ridicularizar Lênin e Trotski, apresentando-os em um conto que tentava fixar episódios da vida particular de ambos. "Muito ódio e pouca verossimilhança, amável cidadã Avertchenko!" escreveu Lênin. "Assurem-se que Lênin e Trotski têm muitos defeitos, em geral, e os têm, por conseguinte, na sua vida particular. Mas, para descrevê-los com talento, era preciso conhecê-los. E vós não os conheceis."

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Ah, o número de 29 de novembro da revista *Mundo Ilustrado* está um pagode, minha gente. Você não imagina.

Tem uma reportagem sobre O PEQUENO AMARELO, que não é a literatura (como podem pensar os ingênuos), e sim a existência de livros de Mao Tse-Tung na sede da Sociedade Cultural Sino-Brasileira, em São Paulo. Livros que, aliás, podem ser adquiridos normalmente nas grandes livrarias do país, mas que foram apreendidos como "subversivos" por um delegado de polícia que não acredita nessa história de Constituição Federal. E viva São Ademar, padroeiro dos honestos!

Tem, também, o Mundo Ilustrado, fotografia de mulher semi-nua, com o título de E DEUS CRIOU A MULHER; o que quer dizer que a revista mata dois coelhos de uma só paulada: ajuda a divulgar a obra divina e se utiliza dela para cavar uns cobres adicionais, aumentando a vendagem. Ou, pelo menos, impedindo que a vendagem diminua.

Tem mais: tem uma reportagem sobre a mais recente peça de Nelson Rodrigues, na qual o Nelson é chamado de "O Brecht inconsciente do Brasil". Vejam vocês! Hitler também pintava, mas não hoje ninguém se lembrou de compará-lo a Picasso, daqui a uns tempos, o Mundo Ilustrado vai se sair com essa.

Tem, ainda, um boquete de anúncio, publicidade, matéria paga, promoção do Lóide Brasileiro, promoção do diplomata Hugo Gouthier, "pequeno rei da Praça Nuvona", "que vibra de contentamento quando vê seu retrato no jornal ou na revista". E tem um anúncio de uma senhora paraguiana, no qual se pode ver, entre outras coisas, que Joazeiro não é privilégio nacional, não senhor.

Mas o que o Mundo Ilustrado tem de mais grotesco no seu número de 29-11 é, sem dúvida, o artigo do serelepe político Fausto Wolff, normalmente localizado na Tribuna da Imprensa, mas desta vez insultando Bertrand Russel nas páginas da revista de João Dantas. Fausto Wolff é aquele crítico que já escreveu os livros do CPC da UNE por desconhecerem autores soviéticos (!!!) tão importantes quanto Tolstói e Dostoiévsky.

Irritado com a afirmação de Torde Russel de que preferia viver em um regime comunista a morrer em uma guerra atômica, Fausto Wolff insulta o velho filósofo inglês. Mas não havia razão para tanta zanga! Se o Fausto Wolff preferia morrer a viver em um regime comunista, não se constaria, a opinião é dele. Se quiser deixar a vida antes da era do comunismo, poderá sempre fazê-lo. E há um caminho rápido e eficiente para a desistência: é só começar a ler na Tribuna da Imprensa os artigos de Fausto Wolff, e a intoxicação letal não tardará.

Mais tarde desempenhou o papel de Clyde (e muito mal) o ator Holmes na produção (também muito ruim) de Sternberg. O filme foi tão ruim, que não agüentou até o fim da projeção.

Não é a primeira vez que encontro Jannings. Três anos atrás, estando em Berlim como "simples mortal", vi-o durante a rodagem de *Fausto* em Tempelhof.

O cartão de visita de Egon Erwin Kisch, que assistiu a uma projeção do *Encouraçado Potemkin* e me "recomendou" calorosamente conseguir chegar até Jannings no alto da rocha em que posa majestosamente envolto na capa cunhada do príncipe das trevas.

Com uma inclinação de cabeça verdadeiramente real dá-me a entender que tive a honra de entrar em seu campo visual.

Em 1929 trata de persuadir-me com grande entusiasmo a que monte um segundo "Potemkin".

Desta vez, o favorito de Catarina. Com ele como protagonista, naturalmente.

Potemkin tinha apenas um olho.

— Se é você que dirige a fita, eu arrebeito um!

O primeiro supervisor que tive em Hollywood foi o amável Buchman, especialista em "europões" que produziu na Paramount todas as películas em que trabalhava Jannings e sofreu um descalabro com *O Pequeno Café*, produção de outro berlimense, Ludwig Berger, com Maurice Chevallier como intérprete.

"Durante a rodagem da película, o supervisor arrebeita a cabeça; quando o filme está pronto, estoura e dá menos dinheiro do que se esperava."

Assim aconteceu com *O Pequeno Café*.

Berger teve de voltar para a Europa.

E Buchman teve de sair da Paramount.

Ainda os vi uns três meses depois. Durante esse tempo não tinham encontrado trabalho.

Designaram como meu supervisor permanente Horace Liveright, personagem muito curioso.

— Horace Liveright tinha sido editor. Mas não só um grande editor, como também um editor envolto constantemente em escândalos.

Escândalos nem sempre políticos.

Liveright editou os romances "de escândalo" de Dreiser. Entre outras, estava essa *Tragedia Americana* que não me deixam montar por temor a um escândalo político.

Proibia-se o romance por ser atentatório aos bons costumes; relações ilícitas entre Clyde e Roberta, aborto frustrado e propaganda dissimulada a seu favor e consequente assassinato.

De um romance "sensacional", os bosses da Paramount sonhavam fazer uma narrativa que, embora dramática, não passasse de "just another" "cat in a hat" sobre o tema de Boy meets girl "O rapaz encontra-se com uma moça", sem se meter em complicações "superfluas".

A mim interessava a vida da sociedade com seus costumes que empurraram Clyde a fazer tudo o que faz e que depois o destroem na sagacidade da campanha fabril de rejeição do fiscal.

Livros das torrentes verbais e descritivas de Dreiser, o romance resultou muito comciso, muito turbulento e extremamente fastidioso.

Fato chocante, de Liveright não guardo nenhuma impressão. Nem da primeira entrevista, alojando com Otto H. Kahn. Nem da reunião realizada em minha casa de Beverly Hills.

Desta última converso como única recordação, talvez, que me fez perder pela terceira vez a cabeça por culpa minha (!!!) a oportunidade de ver Greta Garbo.

Entrevistá-se com Greta Garbo (e principalmente durante as filmagens) era algo quase que inverossímil. Greta Garbo não deixava ninguém entrar no pavilhão durante a filmagem, já que, não tendo mesmo nenhuma "escuela", trabalhava, e de que maneira tão prodigiosa! — somente "por intuição".

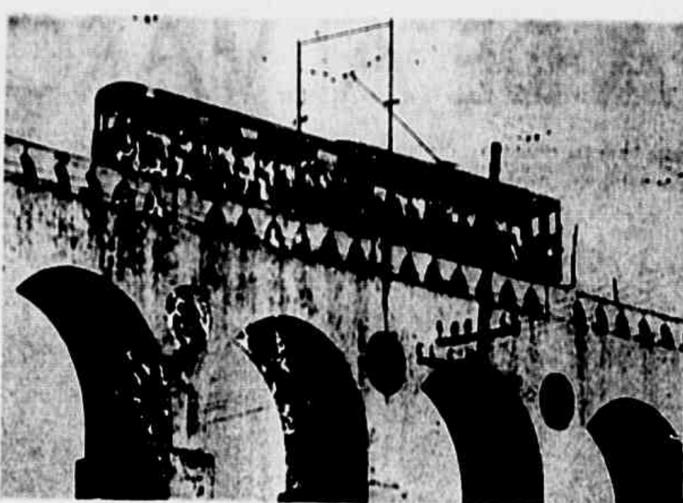
A "intuição" como se sabe, não brota sempre. E en-



DE MENTIRINHA

Um parapeto de argila e cal e um alambrado esfarelado — eis a precária "segurança" de que dispõem os habitantes de Santa Teresa para a eventualidade, muito provável devido ao péssimo estado de con-

servação em que se encontram, trilhos e dormentes, de uma precipitação dos bondes em suas passagens pelos Arcos. A ocorrência daria cabo de dezenas de vidas.



BONITO MAS PERIGOSO

A foto sugere um postal e a vista lá de cima — altura de algumas dezenas de metros — é encantadora. Mas o perigo ronda toda a travessia da ponte: os bondes andam caindo aos pedregos, os fios de transmissão estão velhos e provocam frequentes

incêndios, os trilhos e dormentes se encontram em avançado processo de desgaste. Há um alívio geral entre os passageiros quando o carro atinge o outro lado dos Arcos.

Santa Teresa: bondes sem freio ameaçam população

A Subida ao Morro Pode Levar ao Outro Mundo

Em dias da semana passada a população de Santa Teresa recebeu dramática advertência: condutores, motoneiros, fiscais e guarda-freios dos bondes que servem ao bairro lançaram um manifesto, denunciando o perigo a que são expostos os que são obrigados a utilizar-se do exclusivo meio de transporte para aquela densa zona residencial e responsabilizando a Companhia Ferrocaril Carioca, concessionária das linhas que levam ao morro, pela má qualidade e deficiência do serviço oferecido ao público e por uma catástrofe cuja iminência está a vista de todos. O manifesto dos trabalhadores da Companhia Ferrocaril Carioca foi distribuído aos passageiros em forma de "volantes" e explica a situação de desgaste em que se encontram bondes, fios de transmissão e trilhos da empresa. Os trabalhadores revelam que a falta de bondes e a insegurança que envolve os passageiros não dependem

dos funcionários, mas da própria Companhia, que se nega sistematicamente a reparar as linhas e a reparar os veículos, já que em 1965 entregara por força de contrato, seu acervo ao Estado. Declararam que reiteradamente têm chamado, em vão, a atenção da direção da empresa para que proceda a uma recuperação de seu equipamento e demonstre, num mínimo que seja, zelo pela vida de seus usuários. Por fim, sollicitam da população ajuda na luta que empreendem para a restauração dos bondes, dos fios e dos trilhos, pois, como dizem, precisam do emprego "tanto quanto o povo precisa do transporte".

SOFRIMENTO

O trajeto casa-local de trabalho para o morador de Santa Teresa é uma autêntica via crucis. O regresso ao lar então é quase inenarrável. Começa o sofrimento na improvisada esta-

ção erguida na Esplanada resultante do desmonte do morro de Santo Antônio. O abrigo é insuficiente para dar guarida às extensas filas de passageiros. Quando chove, as cercanias da pequena estação ficam enlameadas de tal maneira que tornam quase impraticável o acesso ao ponto de partida dos bondes. O habitante de Santa Teresa, mesmo o que reside nos pontos mais próximos, leva às vezes até uma hora ou mais para alcançar o lar, quando não poderia, mesmo morando nos locais mais longínquos, ultrapassar os trinta minutos no percurso centro-moradia, se as condições de transporte fossem normais.

DESCASO

Há bem pouco tempo trafegavam para o morro trinta e cinco bondes. Hoje este número está reduzido a nove. Três servem à linha Paula Matos; três vão ao Silvestre e os três restantes prolongam seu itinerário até a Lagoinha. O número dos carros em uso tende a diminuir, já que a Companhia Ferrocaril Carioca não se preocupa, em absoluto, a restabelecer os veículos avariados. Na garagem da empresa, na rua Vitória, existe um verdadeiro cemitério de bondes que, se reparados, poderiam ain-

da prestar inestimáveis serviços. Mas a política da concessionária — companhia do grupo Light — e a de obter maiores lucros com um mínimo de despesas. Em 1965, de acordo com o estipulado em contrato, a empresa será entregue ao Estado mediante rica indenização. Não adianta portanto, raciocinam os diretores da Ferrocaril Carioca, efetuar gastos com veículos e instalações que o Estado jamais pagaria caro, quer estejam em boas condições ou se encontrem impraticáveis.

PERIGO

Há um constante risco de vida para quem é obrigado a fazer uso dos bondes que vão a Santa Teresa. Para dar uma ideia: os carros trafegam sem freios em todo aquele suceder de ingremes ladeiras. Ainda há pouco uma criança morreu sob as rodas de um bonde, exatamente porque os freios não atenderam ao motoneiro. A lotação normal dos bondes é de 64 passageiros. Mas com as segundas retiradas de carros do tráfego e com o aumento de passageiros os bondes sem freios andam circulando até com mais de duzentas pessoas em cada viagem. Seme-se a isso os inúmeros trilhos partidos e corroídos, as ligações defeituosas entre os

carros e rebuques, as travessias das instalações elétricas que tem proporcionado frequentes e aterrorizantes incêndios e a periculosidade própria da topografia de Santa Teresa, e teremos uma mostra do quanto ainda por um fio a vida de quem é obrigado a utilizar-se do transporte, ainda por cima caro, que a Light explora. A passagem sobre os "Arcos", por exemplo, sugere uma tragédia. Trilhos estragados, dormentes apodrecidos e a falta de freios podem acarretar um desastrosamente na entrada ou no meio da ponte (cuja altura vai a algumas dezenas de metros). Se tal ocorrer acontecerá um desastre de proporções atterradoras, já que a proteção ao passageiro ali resume-se num parapeto que cederia ao primeiro impacto do bonde e a um enterrado e róto alambrado que não resistiria a menor pressão.

LUTA

O manifesto dos motoneiros, condutores, guarda-freios e fiscais da Companhia Ferrocaril Carioca repercutiu intensamente entre os moradores de Santa Teresa, que de há muito vêm protestando contra o péssimo transporte a cujo uso são impedidos compulsoriamente a se submeter e contra o profundo desprezo que a concessionária — uma

subsidiária dos trustes — volta às suas vidas. Foi iniciada mesmo, logo após conhecido o pronunciamento dos trabalhadores nos bondes, uma campanha visando pressionar a Ferrocaril Carioca a cumprir as suas obrigações. Piquetes em muitos, no calçamento e colocação de cartazes nas paredes, exigindo mais transportes e garantias mínimas para a vida dos passageiros vêm sendo feitos diariamente. Organiza-se já uma concentração, num dos principais logradouros do bairro, para protestar contra o descaso da companhia estrangeira e exigir a instalação de transporte que satisfaça as necessidades da população de Santa Teresa.

SANTOS: MNB CONTRA A GARESTIA

O Movimento Nacionalista Brasileiro, núcleo de Santos, lançou manifesto, do qual enviou cópias ao prefeito e à Câmara Municipal, protestando energicamente contra as calamitosas taxas e os impostos, que sistemática e impiedosamente vêm acarretando a alta do custo de vida local, pensando e asfixiando deste modo cruel a economia popular.

CAMPONESES DE TAGUATINGA LUTAM PELA POSSE DA TERRA

Brasília (Da sucursal) — O juiz da 1ª Vara Cível do Distrito Federal já exorou despacho na ação que a Associação Agrícola de Taguatinga move para impedir turbância da posse de terras que ocupa, por parte do INIC. O despacho não apresenta uma solução satisfatória para os camponeses, embora determine que o órgão colonizador, na distribuição das chácaras, dê preferência aos atuais ocupantes das terras. Pelo simples fato de que os advogados, na sua petição, usam várias vezes o termo "camponês", o magistrado conclui que eles são "partidários do socialismo ortodoxo". Daí lembrar-lhes que na União Soviética as terras pertencem ao Estado, não devendo eles insurgir-se quando o Estado brasileiro se reserva a propriedade das terras que lavram. Ignorou,

apenas, a diferença enorme que há entre o Estado soviético — Estado popular — e o Estado brasileiro — Estado de classe.

POLITICA

A questão, porém, já vai se afastando da área judiciária (embora a ação não esteja ainda terminada) para a área política. Depois da visita do líder da bancada do PTB na Câmara, deputado Almino Afonso, receberam os camponeses a visita de um auxiliar da Casa Militar da Presidência da República. Este não poupou críticas ao administrador do INIC, sr. Romero do Lago (que a tudo assistia) e ouviu com atenção a reivindicação dos camponeses: entrega das terras à NOVACAP, que, por seu turno, as entregaria à distribuição das chácaras. Associação, e esta faria a

CAMPONESES ENLOUQUECE NO PARANÁ: DESPEJO

Curitiba (Da sucursal) — O lavrador Ulisses José de Souza, de Nova Esperança (PR), ficou com as faculdades mentais abaladas ao ser despejado com toda a sua família da fazenda onde trabalhava, quando sua roça já estava em condições de ser colhida. Apesar de ter um contrato de trabalho com o fazendeiro Nikilo Kikudome, o camponês foi posto para fora e está agora com sua mulher e sete filhos dormindo ao relento, à beira da estrada que vai para Maringá.

O dr. Joaquim Enor, advogado dos lavradores no município, está cuidando do caso, e é de opinião que o camponês ficou perturbado da mente em virtude da terrível injustiça que sofreu. O próprio advogado foi testemunha, em seu escritório, do delírio do trabalhador, e está apelando para que os amigos deste, Basílio Menezes e Aurélio Barbieri, residentes em Ivaítinga, compareçam a Nova Esperança para ajudar a tratar do camponês antes que seu estado se agrave.

OPINIÃO DO LEITOR

O IMPERIALISMO E A AMÉRICA LATINA

De São João do Bos Vista, Estado de São Paulo, Manoel Assumpção Ribeiro comenta a recente crise internacional, detendo-se nas relações entre os imperialistas ianques e as nações latino-americanas. Escreve: "Na maioria dos países latino-americanos não existem governos, e sim verdadeiras feitorias dos monopólios americanos. Atrás dessa conversa de "defesa da liberdade", "civilização", "mundo livre", mal se escondem os crimes e os roubos que os salteadores imperialistas cometem diariamente, nos quatro cantos do mundo. Quem ousar não se submeter, terá de sofrer as terríveis consequências. É isso o que acontece com Cuba, de onde os salteadores imperialistas foram postos para fora. Lá, eles já não podem explorar mais o povo, como ainda estão explorando aqui em nossa querida Pátria. O terrível aumento de custo de vida tem sua origem no roubo, no saque e na exploração que esses salteadores americanos aqui têm realizado. Os piratas, hipocríticas e insensíveis americanos espalharam bases aéreas navais e de foguetes por todo o mundo e, agora, recalam contra os outros povos, inventando os mais ridículos pretextos. Mas essa luta do heróico povo cubano é a verdadeira luta do tosto contra o bilhão. Essa e também a luta do povo brasileiro. É a luta do fraco contra o forte. É a luta de todos os povos oprimidos contra os exploradores. Essa é a luta de todos os povos oprimidos pelos salteadores imperialistas. E essa luta conta com apoio sincero e sereno dos povos socialistas. Abaixo os piratas do mar das Caraíbas. Viva Cuba e viva Fidel Castro!"

MOVIMENTO ESTUDANTIL-OPERARIO-CAMPONES

O estudante Silva Jardim Furtado, que assina uma coluna de assuntos das organizações estudantis, operárias e camponesas no matutino "Luta Democrática", da Guanabara, preconiza uma unidade na prática, uma unidade de ação dos movimentos estudantil, operário e camponês. O colunista — que é bisneto do republicano Silva Jardim, um dos responsáveis pela derrocada da monarquia — afirma: "Urge que se sistematize uma união sólida e estreita entre nós estudantes, operários e camponeses, sob a égide de nosso anseio e de nosso elevado anseio de bem servir os nossos supremos objetivos. Já realizamos, na sede do Sindicato dos Arrumadores do Rio de Janeiro, um conclave que contou com a presença de mais de duas mil pessoas. As ligas camponesas do Estado do Rio estão querendo promover reuniões com a participação de operários e estudantes. Estamos dispostos a alicercar mais o trabalho, organizando encontros periódicos. Devemos nos esforçar para que o pacto de unidade e a ação entre estudantes, operários e camponeses não fique apenas no papel. Precisamos congregarmos fraternalmente, em ideias e métodos, com reuniões, conclaves e intercâmbio estreito para que unidos e fortes possamos, no mais breve tempo, lutarmos juntos, porque somente juntos, unidos e fortes, venceremos!"

OS PASSAROS E OS GAVIÕES

De Fortaleza Ceará, Manoel Batista Ferreira escreve lamentando a espoliação de que somos vítimas desde os tempos de colônia, mas também afirmando a sua confiança na conquista, pelo povo brasileiro, de dias melhores. Diz: "O Brasil, desde sua descoberta, vem sendo roubado pelos colonialistas. Os portugueses levaram daqui ouro, pedras preciosas e madeiras. Construíram em Portugal grandes conventos, igrejas e catedrais. Hoje continuamos sendo espoliados pelos imperialistas norte-americanos, verdadeiros gaviões que, para consumar seus desumanos objetivos, pretendem exterminar todos os passaros, aqueles que constituem a vanguarda do povo que luta por sua emancipação. Desde o governo de Arthur Bernardes que os passaros começaram a ser perseguidos. Voto o Estado Novo e matou e encarcerou milhares de passaros. O marechal Dutra também assassinou e prendeu centenas deles. Os passaros entretanto continuam lutando e assim prosseguirão até a conquista da libertação nacional e o fim da exploração do homem pelo homem".

DEPUTADO DEMISTHOCLIDES BAPTISTA

De Barra do Pirai, Estado do Rio, um leitor, que assina Um Ferrovieiro, congratula-se com a eleição do líder operário Demisthoclides Baptista — o Batistinha, presidente do Sindicato dos Ferrovieiros da Leopoldina — para a Câmara dos Deputados. Afirma que Demisthoclides Baptista é um autêntico líder de todos os trabalhadores, e não só dos ferroviários, tendo, por isso mesmo, obtido consagração votário. Após sugerir a candidatura de Baptista ao Senado, nas próximas eleições, o leitor assegura que a presença do grande dirigente sindical na Câmara Federal é uma garantia do reforçamento da luta que também ali se trava "contra a espoliação exercida em nosso país pelo capital estrangeiro, pela melhoria de vida das classes trabalhadoras e do povo em geral, pela reforma agrária radical, pela nacionalização das empresas estrangeiras, pela defesa da política externa de respeito à autodeterminação dos povos e não ingerência de uma nação nos negócios internos de outra e pela coexistência pacífica entre países com regimes políticos e sociais diferentes".

SALARIO MINIMO

De Capelinha de Chumbo, município de Patos de Minas Estado de Minas Gerais, José de Sousa Régio pergunta: "Por que os poderes públicos não decretam e assinam o salário-mínimo quando o trabalhador o está reivindicando dentro da lei?" Ele mesmo responde: "E' para dar tempo aos tubarões de redobrar os preços das mercadorias e dos gêneros de primeira necessidade e de preparar uma escrita falsa para justificar-se perante a COFAP".

LIVROS SOVIÉTICOS

Table listing various Soviet books in Spanish, including titles like 'A LUTA DOS POVOS DAS COLONIAS E PAISES DEPENDENTES CONTRA O IMPERIALISMO', 'ENERGIA DO ATOMO', 'PRINCÍPIOS DO DIREITO SOVIÉTICO', etc., with their respective authors and prices.

Pedidos à Agência Interebros Cultural Jurandir Guimarães Rua 15 de Novembro 228 - 2º and. - sala 209 São Paulo Atendemos pelo Reembolso Postal.

Gratificação de 40 Por Cento: Desigualdade Entre Médicos

Já de longo tempo, um número considerável de médicos do serviço público, cujas funções são de comprovada periculosidade, vem providenciando pelos trâmites legais o recebimento da gratificação de 40% de risco de vida e de saúde a que fazem jus. Infelizmente, entretanto, em nosso sistema, no tocante aos interesses da população, muito pouco ou quase nada se consegue por vias normais. O caso desses médicos, como também de muitas enfermeiras e auxiliares de enfermagem, que têm um direito líquido e certo, ainda mais comprovado pelo fato de muitos de seus colegas de idêntica atividade — e muitas vezes do mesmo serviço — já usufruírem da gratificação, vem sendo protelado indefinidamente pelas autoridades competentes, criando assim uma discriminação arbitrária, inaceitável entre profissionais da mesma categoria. O fato traduz incontestavelmente uma situação séria de injustiça, sem que nenhuma explicação seja fornecida aos interessados, quanto mais que muitos deles têm processos para a obtenção do benefício iniciado desde meados de 1960. Tais processos, indispensáveis segundo a lei para a outorga da gratificação, percorrem uma interminável "via crucis" até obterem pareceres favoráveis de alguns dos órgãos

que regulam a matéria. Seguem então para Brasília e lá, apesar de preencherem todos os requisitos da legislação em vigor, vão enroscando a cauda daqueles que se acham retidos pela gestapo dos funcionários (leia-se: DASP), interessada apenas em liberar os que sofrem interferência de um ou outro pistoleiro. Quando excepcionalmente logram um visto desse malfadado órgão, uma nova e infinita espera, para a sanção presidencial e consequente publicação, aguarda o interessado. A questão ainda mais se agrava ao se constatar que esses profissionais, exercendo de longa data atividades sujeitas a graves riscos, tanto imediatos como remotos, mas sempre presentes, somente poderão perceber tal gratificação, legítima e merecida, a partir da data em que for publicada a autorização no Diário Oficial, sendo-lhes negado o direito aos atrasados. Nada, absolutamente nada,

justifica este retardamento abusivo, nem nada de excepcional existe nesta reivindicação desde quando os órgãos mais responsáveis pela outorga deste benefício, o Departamento Nacional de Saúde, e a repartição respectiva do funcionário, entre outros, já deferiram há muito os processos por se encontrarem rigorosamente enquadrados dentro da lei. Como explicam esses senhores do DASP ou esses senhores da Presidência essa escamoteação dos direitos dos médicos, sujeitos aos mais graves riscos, se seus processos aguardam apenas providências formais de autorização de pagamento? Que sentido tem então o último decreto do presidente da República (Decreto n. 631, de 26 de fevereiro de 1962) que reconhece que "a restrição torna desigual o tratamento a funcionários em condições idênticas de trabalho" se nenhuma medida concreta foi tomada pelas autoridades para reparar essa falha? De acordo

com o referido decreto, fica explícita a obrigação do Poder Público de pagar a gratificação de risco de vida e saúde a todos que preencham os requisitos mencionados no Artigo 145, itens V e VI da lei n. 1711, de 28 de outubro de 1952. Ora, esses médicos que pleiteiam a gratificação de 40% estão todos assegurados por esta legislação, mesmo porque os respectivos processos já foram rigorosamente examinados e aprovados, havendo ainda o precedente de outros colegas de igual função virem percebendo a vantagem. Não há portanto nenhuma fundamentação legal para o retardamento dessa concessão, muito no contrário. Tal prática de desprezo e de desacato aos direitos adquiridos constitui uma flagrante injustiça de que se aproveitam os eternos apadriñados desse regime ou os impreterantes dos rancorosos e rendosos mandatos de segurança.

sobre os Estatutos dos Funcionários Públicos. O atual presidente da República, com o Decreto n. 689 de 27 de outubro de 1961, restabeleceu o pagamento das gratificações, mas apenas para aqueles que já vinham recebendo tais vantagens por força de concessões autorizadas anteriormente a julho de 1960. Continuava assim a injustiça para com aqueles cujos processos se encontravam arquivados, até que em fevereiro deste ano foi baixado o decreto, ainda em vigor, sacando esta injustificável restrição, de vez que estendia os benefícios a todos em condições de risco de vida e saúde. Entretanto esta medida indispensável, tornou-se, salvo para os casos de favoritismo e apadriñamento, apenas um esquema elaborado no papel, estando a exigir de modo urgente providências efetivas objetivando a publicação imediata da concessão e consequente pagamento aos que têm seus processos devidamente legitimados. Para umas poucas assinaturas nesses processos, não bastam os largos meses de espera nas gavetas dos administradores de Brasília que, liberando-os, nada mais fariam senão o cumprimento consistente da lei? Uma coisa contudo é certa: a necessidade de reparar de uma vez por todas esta disparidade de tratamento entre médicos da mesma categoria.

Por Que os Comunistas Argelinos São Contra o Partido Único

A 29 de novembro um importante acontecimento interno da República da Argélia veio perturbar seriamente a unidade das forças políticas que combateram o ombro a ombro, durante mais de sete anos, pela libertação do povo argelino. O governo dirigido por Ben Bella pôs fora da lei o Partido Comunista Argelino (PCA) e fechou seu órgão central de imprensa, "Hurriya".

A decisão do governo argelino não constituiu uma surpresa, pois fora anunciada com antecipação, a 7 de novembro, pelo Ministro do Interior, Hadj Jamu, num comunicado verbal. O PCA deveria "cessar toda atividade" até a realização do Congresso da Frente de Libertação Nacional, cabendo a este decidir se deve ou não admitir-se na Argélia a existência de vários partidos políticos. Por enquanto — acrescentava o Ministro — todos devem respirar a Carta de Tripoli, segundo a qual na Argélia só deveria existir um único partido, a Frente de Libertação Nacional (FLN), no qual cada militante político argelino poderá trabalhar pelo Programa de Tripoli.

lutaram de armas nas mãos contra o colonialismo francês e, finalmente, conquistaram a vitória mais importante das lutas emancipadoras dos povos africanos.

Nesse conjunto de forças que enfrentavam os colonialistas franceses desde 1955, o Partido Comunista Argelino se impunha ao respeito universal por ter sido o primeiro contingente de patriotas argelinos a lutar pela independência nacional. Fundado há 25 anos, o PCA teve sempre em mira este grandioso objetivo: assegurar a independência política e econômica da Argélia. Sem ser um partido numeroso o PCA exercia no entanto considerável influência entre os trabalhadores e as camadas pobres do campo e das cidades que aspiravam à emancipação de seu país. Em suas fileiras militavam inclusive franceses radicados na Argélia.

cas as dificuldades para um perfeito entrosamento das demais forças anticolonialistas e os comunistas. Velhos preconceitos e suspeitos infundados obstaculizaram de início a unidade necessária. Mas por fim a unidade se impôs. Os comunistas, com seu heroísmo e provado partido, uniram-se à FLN, combateram nas fileiras do Exército de Libertação Nacional, derramaram seu sangue, conheceram os campos de concentração na França. Um comunista argelino tornou-se famoso por suas façanhas, Henri Alleg. Depois de anos de prisão, conhecendo na própria carne as torturas monstruosas infligidas pelos policiais franceses aos patriotas argelinos, denunciou-as em livros que tiveram repercussão mundial, como "La Question" e "Prisonniers". Alleg, como outros membros do Partido Comunista, inclusive de seu Comitê Central, conseguira fugir dos cárceres dos colonialistas.

PORQUE CONTRA O PARTIDO UNICO

A 7 de julho deste ano, o Partido Comunista Argelino emitiu sua opinião sobre as razões profundas da crise exist-nue no seio da Frente de Libertação Nacional. E fazia propostas construtivas para superar as dificuldades que compõem o FLN sobre um programa mínimo comum: união em bases democráticas, assegurando a disciplina de suas forças, respeito à liberdade de cada tendência, participação organizativa que a decisão final coubesse ao povo em eleições livres.

Dias depois, a 28 de julho, afirmava textualmente o Biro Político do PCA: "Além disso, é necessário dizer que um Estado argelino de caráter livre de toda ditadura policial e militar, e incompatível, nas condições políticas e sociais de hoje, com um partido único, semelhante partido único, seria antidemocrático. Semelhante partido único, como o demonstra a crise atual da Frente de Libertação Nacional, não solucionará absolutamente o conflito entre as duas principais tendências políticas da Frente. Semelhante partido único será, mais cedo ou mais tarde, um instrumento de pressão contra o povo e de despoliticização das massas, como no Egito".

Ao iniciar a luta na Argélia, de armas nas mãos, contra o feroz colonialismo francês, não foram pou-



HENRI ALLEG

Seu nome correu mundo durante a guerra de libertação da Argélia. Herói da guerra, Alleg foi preso pelos colonialistas franceses. Conheceu os cárceres e as terríveis torturas que se infligiam aos patriotas argelinos ou aos franceses com eles solidários. Escreveria, no fogo da luta, relatos impressionantes que tiveram repercussão mundial: "La Question" e "Prisonniers". Estes livros foram, também eles, importante contribuição à luta do povo argelino por sua independência nacional.

Os comunistas argelinos, ao tomarem conhecimento da decisão do governo de Ben Bella, tinham convocada uma entrevista coletiva à imprensa para emitir sua opinião a respeito da mesma. A entrevista foi proibida pelo Ministério do Interior. Não tencionavam os comunistas da Argélia entrar em polémica com o governo ou com seu chefe. Tencionavam apenas tornar explícita a vontade do Partido Comunista de contribuir com todas as suas forças para a construção da nova Argélia, dando apoio resolutivo a todas as medidas positivas do governo, bem como opinar publicamente sobre os problemas da frente única e do partido único.

A POSIÇÃO DO PCA

O Partido Comunista Argelino já havia firmado há bastante tempo sua posição quanto ao partido único e à frente única. Em documentos divulgados há alguns meses, o PCA havia opinado, com sólidos argumentos, contra a supressão dos atuais partidos políticos argelinos, aqueles que formaram a Frente de Libertação Nacional, o órgão que arregimentou as forças ou-

O melhor presente de Natal

Coleções encadernadas de PPS: um presente que estará presente todo o ano. Pague em 6 vezes. Preço: Cr\$ 6.000,00. Informações: rua da Assembleia, 34, sala 304 R.º (GB) — Atende-se pelo Reembolso.

O Iêmen Escolheu o Caminho Não Capitalista

Em sua edição de 22 de novembro, Pravda, de Moscou, publicou a correspondência que reproduzimos aqui sobre a mais jovem República do Oriente árabe: o Iêmen. Assina a correspondência o enviado especial de Pravda, Demitchenko.

O povo do Iêmen está vivendo atualmente dias tempestuosos. A agressão contra a jovem república obriga a dar sua principal atenção à expulsão dos intervencionistas, os quais continuam a ocupar uma parte do território do Iêmen. Mas existe no país uma outra frente de luta: a frente interna. Os acontecimentos nesta frente lembram os ventos frescos que dão ânimo e energia aos homens. É positivo que o Iêmen de hoje seja o fato de seus homens simples falarem do futuro de seu país. No Palácio da República, em Sana, reúnem-se as comissões criadas pelo governo. Uma delas elabora o plano do desenvolvimento econômico do país, outra trabalha no projeto de reforma agrária. Em fins de outubro realizou-se uma conferência de assuntos econômicos. Adotou-se então a decisão de fundar o Banco Nacional da Construção e Desenvolvimento, o qual irá contribuir para a criação de uma indústria nacional no Iêmen.

num de pó. O sistema monetário é primitivo. O real de prata austríaco é cunhada de fins do século XVIII. Um desses reais pesa cerca de 50 gramas. Para comprar-se um objeto qualquer é necessário levar dois quilos de dinheiro.

Possui o Iêmen ótimas condições para a produção agrícola. Em Tikhan, planície ao longo do Mar Vermelho, os campos são excelentes para o cultivo do algodão. O Iêmen tem cultura de café, da melhor qualidade, o moga mundialmente famoso. Entretanto, o sistema feudal de aproveitamento da terra entrou em desenvolvimento da agricultura. A fim de corrigir este defeito são necessários muitos anos.

des exclusivamente pelo Estado. Com esse objetivo, o Estado tenciona manter controle sobre o capital privado, pois não queremos o seu domínio no país.

Interessava-me saber como o vice-presidente encarregado do futuro da edificação social da República Árabe do Iêmen.

— A liquidação da família real — respondeu o vice-presidente — a confiscação das terras que lhe pertenciam, de seus palácios, de seus castelos, assim como a expropriação de uma série de grandes latifundiários, constituirão o começo da liquidação do feudalismo no Iêmen. Queremos, com a ajuda da legislação estatal, seja mantido o controle sobre a economia do país.

Estas palavras de Al Beidani demonstram que o governo do Iêmen tenciona que o país siga o caminho do desenvolvimento não capitalista, já adotado por diversos países da Ásia e África. E não por acaso os grandes negociantes e latifundiários, que sugavam o sangue do povo, fugiram do país. Um deles conduziu para Aden, sob a proteção dos colonizadores ingleses, quase toda a frota mercantil iemenita.

Sente aqui, em toda parte, que o Iêmen combatente entrou numa época de mudanças: uma época de renovação: os conselhos do povo e o anão revolucionário substituíram os governadores de província, que tinham mergulhado na corrupção. Nos gabinetes dos ministros aglomeram-se pessoas, simples homens do povo, que antes tinham fechadas diante de si as instâncias governamentais, enquanto voluntários eram literalmente um novo exército. Tive oportunidade de visitar as cidades de Sana (capital), Taize, Hodeida, assim como a aldeia nas montanhas. Em toda parte o povo se pronuncia em apoio à República e encara esperançoso o futuro.

— Que pensam sobre o futuro do país os membros do governo? perguntou ao vice-presidente do Iêmen, Abdel Rahman Al Beidani.

— Queremos — respondeu ele — no mais breve espaço de tempo elevar o nível de vida do povo através do desenvolvimento da economia e da instrução, e tencionamos, antes de tudo, impulsionar a agricultura. As terras confiscadas aos membros da família real e a alguns grandes senhores feudais serão distribuídas entre os camponeses sem terra (os fellah), com a condição de que ingressem em sociedades cooperativas, as quais o Estado concederá toda ajuda. Para o aproveitamento das terras incultas e a irrigação das terras áridas necessitamos de ajuda do estrangeiro. Vamos nos dirigir à União Soviética e a outros países amigos para que nos enviem especialistas e nos concedam ajuda técnica.

Referindo-se aos problemas do desenvolvimento da indústria, Al Beidani disse que o governo contribuirá para a criação de novas empresas. As pequenas empresas serão construídas pela iniciativa privada, as médias, pelo Banco Nacional de Construção e Desenvolvimento, e as gran-

Manifesto à Nação

Face ao perigo que a nação atravessa com a iminente aprovação pela Câmara Federal do Projeto Daniel Faraco de Reforma Bancária, cumprimos o dever de alertar a todas as forças patrióticas para as considerações que, a seguir alinhavamos.

Desde 1917, através de inúmeros projetos, vem tramitando no Parlamento Nacional, sem solução, a questão da Reforma Bancária.

Em oposição ao pedido de Delegação de Poderes encaminhado pelo Gabinete Brochado da Rocha em setembro de 1962 a Câmara Federal, teve execução a rápida apresentação e substitutivo Daniel Faraco, que agora se quer aprovar em regime de urgência.

Tão logo esta Confederação tomou conhecimento da gravidade do problema, constituiu Grupo de Estudo do integrado por respeitável equipe de economistas, para apreciar todos os aspectos do assunto de mais alta relevância e que deve ser tratado com toda a seriedade e patriotismo.

Euvenos em Brasília na presença do Exmo. Sr. Presidente da República e lhe fizemos entrega de exposição firmada pelos bancários brasileiros — notadamente por todos os altos funcionários do Banco do Brasil que, profundos conhecedores do assunto, tinham a responsabilidade de autorizar e comentar o projeto de lei em discussão no sentido do exame da matéria. Em decorrência desta ação, foi assinado Decreto Presidencial criando um Grupo de Trabalho para, no prazo de trinta dias, estudar o assunto e encaminhar o ponto de vista governamental ao Congresso. Entretanto, tal decreto, inexplicavelmente, até esta data não foi publicado no "Diário Oficial".

processo inflacionário em que nos debatemos.

1.º — Incompreensível e oneroso do governo sobre problema de tão magna importância, como legislação e atual acendamento de um que se pretende vê-lo aprovado na Câmara.

2.º — injustificável que não se tenha, sequer, dado oportunidade de opinar ao Grupo de Trabalho nomeado pelo Presidente da República, já que sua criação foi obrigada.

3.º — não introduz nenhuma modificação progressista na política de crédito existente atualmente no país, apenas desmembrando o Banco do Brasil.

4.º — não introduz nenhuma modificação progressista na política de crédito existente atualmente no país, apenas desmembrando o Banco do Brasil.

5.º — não disciplina a correta aplicação de crédito dos bancos particulares, indispensável a contenção da espiral inflacionária e ao desenvolvimento nacional.

6.º — entrega nas mãos dos grupos econômicos (nem sempre autenticamente nacionais) o órgão orientador da política financeira do país, inclusive o controle da remessa de lucros para o exterior.

7.º — deixa ao livre critério dos banqueiros o financiamento ou não de indústrias básicas ou essenciais à defesa nacional e de exploração de matéria-prima de reconhecida utilidade ao incremento da economia do país.

8.º — e comprovadamente inexecuável, tuzano o caos econômico, financeiro e administrativo para a nação, com graves reflexos sobre a produção e o seqüente agravamento da carestia.

9.º — o caráter social do crédito e a atualização das estruturas administrativas, em função da evolução política e social do país;

10.º — a vinculação dos recursos disponíveis aos programas de desenvolvimento visando o progresso e bem-estar social (art. 149 da Constituição Federal);

11.º — seletividade do crédito, com o atendimento a setores, atividades e regiões, de acordo com programas de desenvolvimento;

12.º — a vinculação dos recursos disponíveis aos programas de desenvolvimento visando o progresso e bem-estar social (art. 149 da Constituição Federal);

13.º — seletividade do crédito, com o atendimento a setores, atividades e regiões, de acordo com programas de desenvolvimento;

14.º — a vinculação dos recursos disponíveis aos programas de desenvolvimento visando o progresso e bem-estar social (art. 149 da Constituição Federal);

cas argelinas, mas particularmente o Partido Comunista; devesse assumir-se de maneira surpreendente. E, naturalmente, inquietante para as forças de tendência conservadora e reacionária argelinas. Estas últimas temem o crescimento do PCA e que, no decorrer mesmo da revolução, é venha a tornar-se a principal força dirigente. E esta possibilidade que pretendem deter, levando o governo de Ben Bella a pôr na ilegalidade o Partido Comunista.

Os comunistas argelinos estão decididos a não se conformar com a medida governamental que os leva à ilegalidade. Admitir-se-ia qualquer com um golpe que atingisse todas as forças democráticas. Os comunistas argelinos não se dispõem a dissolver seu partido: estão determinados a mantê-lo organizado, mesmo nas difíceis condições que certamente se criarão para eles na nova situação.

No entanto, o golpe desferido pelo governo de Ben Bella contra o Partido Comunista oferece um perigo ainda maior: atingir seriamente a unidade de todas as forças que contribuíram para a vitória da guerra de libertação e da revolução argelina. Então, somente lutar os colonizadores franceses, que não se conformam de terem perdido a Argélia, e os antigos agentes seus dentro da Argélia, que sem dúvida estão à espera de uma oportunidade favorável para desfecharem sua ofensiva pela recolonização do país. Não é uma possibilidade remota. A revolução argelina ainda não está consolidada, são enormes as dificuldades que enfrenta, tanto no domínio econômico como no político. As grandes reformas estruturais reclamadas pelo povo ainda não se efeturaram. E somente forças realmente democráticas podem levá-las a cabo.

Por tudo isto percebe-se o grave perigo que corre hoje a Argélia se a medida de Ben Bella abrir as comportas ao anticomunismo, a principal arma da reação em qualquer parte do mundo.

Nossa solidariedade, pois, nesta hora difícil, não só aos comunistas argelinos, como a todo o povo argelino. Não há dúvida porém de que, assim como ele demonstrou possuir reservas formidáveis de energia e heroísmo para vencer seu principal inimigo, os colonizadores franceses, assim também acabará derrotando os obstáculos ao seu avanço para um futuro realmente livre, que só estará efetivamente assegurado mediante a unidade de todas as forças democráticas e anticomunistas, inclusive Ben Bella e os comunistas.

DELEGAÇÃO CHINESA VÊ COM OTIMISMO RELAÇÕES COMERCIAIS COM O BRASIL

Entrevista exclusiva a NR do dr. Chi Chao Ting, diretor do Banco Central da China Popular

O dr. Chi Chao Ting, chefe da delegação da China Popular que chegou ao Brasil no dia 20 de novembro último, declarou em entrevista exclusiva concedida a NOVOS RUMOS ser e m grandes as perspectivas de desenvolvimento do comércio sino-soviético.

Sobre os objetivos da visita que ora nos fazem os representantes comerciais chineses, disse o diretor do Banco Central da China: — "Após a visita à China da missão comercial brasileira chefiada por sua excelência o sr. João Goulart, então vice-presidente do Brasil, e a assinatura do Ajuste de Pagamentos e de Comércio entre o Banco Popular da China e o Banco do Brasil, em agosto do ano passado, já se apresentaram condições favoráveis para o desenvolvimento das relações comerciais entre a China e o Brasil. E' em conformidade com o mencionado Ajuste que nós, a delegação econômica e comercial da República Popular da China, realizamos nossa visita ao Brasil a convite do Banco do Brasil, com o objetivo de opinar sobre o comércio entre o Brasil e os setores do Brasil sobre o desenvolvimento ulterior do comércio entre ambos os países. Abrigamos vivas esperanças no sentido de que nossa visita seja favorável ao desenvolvimento do comércio entre as duas nações."

GRANDES POSSIBILIDADES

Solicitamos ao dr. Chi Chao Ting que nos dissesse quais as possibilidades de comércio entre os dois países e os principais produtos que poderiam ser objeto desse intercâmbio.

— "Julgamos que existem grandes possibilidades para o intercâmbio comercial sino-brasileiro, — disse nosso entrevistado — porque, em primeiro lugar, já se assinou entre os bancos dos dois países um Ajuste de Pagamentos e de Comércio, fato que ofereceu condições favoráveis para o desenvolvimento futuro do comércio, e, em segundo lugar, cada uma das duas partes possui mercadorias tradicionais de exportação que podem ser de procura da outra parte, e sobre esta base tornar-se-á possível uma troca. Por exemplo, a China pode importar do Brasil algodão, couro de bovino, sisal, etc. Quanto à procura do Brasil, ainda não temos conhecimento detalhado. Falando, porém, das possibilidades da parte chinesa, podemos exportar laminados de aço, regulador de antômônio, mercúrio, papel, carvão, maquinaria, seda chinesa, objetos de artesanato chinês e diversos artigos de consumo."

países e os principais produtos que poderiam ser objeto desse intercâmbio.

— "Julgamos que existem grandes possibilidades para o intercâmbio comercial sino-brasileiro, — disse nosso entrevistado — porque, em primeiro lugar, já se assinou entre os bancos dos dois países um Ajuste de Pagamentos e de Comércio, fato que ofereceu condições favoráveis para o desenvolvimento futuro do comércio, e, em segundo lugar, cada uma das duas partes possui mercadorias tradicionais de exportação que podem ser de procura da outra parte, e sobre esta base tornar-se-á possível uma troca. Por exemplo, a China pode importar do Brasil algodão, couro de bovino, sisal, etc. Quanto à procura do Brasil, ainda não temos conhecimento detalhado. Falando, porém, das possibilidades da parte chinesa, podemos exportar laminados de aço, regulador de antômônio, mercúrio, papel, carvão, maquinaria, seda chinesa, objetos de artesanato chinês e diversos artigos de consumo."

AS DIFICULDADES NA CHINA

Perguntamos finalmente ao dirigente da delegação chinesa o que havia de verdade sobre as calamidades que assolaram o país nos últimos anos. Fizemos ver ao dr. Ting que a imprensa ocidental pintaram com cores negras a situação da China Popular, afirmando que todo o povo chinês sofria os horrores da fome.

— As calamidades naturais que depauro a China durante três anos consecutivos acarretaram ao po-

vo chinês dificuldades em determinada medida — respondeu o dr. Chao Ting. E acrescentou: "Estas calamidades naturais de três anos consecutivos, embora carecessem de precedentes nos últimos cem anos, foram vencidas, e as dificuldades, superadas, porque o campesinato chinês, composto de mais de 500 milhões de pessoas, já se organizara nas suas comunas populares, o que lhes possibilitou aproveitar ao máximo a poderosa força da coletividade para obter a vitória sobre as dificuldades. Graças aos esforços de todo o povo e às diretrizes e providências adotadas por nosso governo para reforçar a frente agrária, mesmo nos momentos mais graves das calamidades, a situação jamais alcançou aquilo que afirmava os difamadores mentirosos, segundo os quais a fome abrangia toda a China e o povo morria à míngua. Ao invés disso, foram distribuídos os produtos alimentares em forma razoável e realizou-se com bons resultados o trabalho de socorro para as regiões flageladas. Tudo isso concorreu para vencer as calamidades naturais."

"Nesta altura, já foram vencidas, no fundamental, as dificuldades que acarretaram as calamidades naturais. A colheita deste ano é algo melhor do que a do ano passado, e a colheita do ano passado foi também algo melhor do que a do ano antepassado. Esta é a verdade a olhos vistos, verdade confirmada por numerosos amigos estrangeiros que visitaram recentemente nosso país. Toda a economia nacional da China está agora desenvolvendo-se e avançando para diante."

Apelamos aos Srs. Deputados, representantes do povo que são, para que, interpretando a vontade de seus representados, defendam a nossa pátria nessa terrível guerra econômica desencadeada contra o Brasil, rejeitando o substitutivo Daniel Faraco e votando por uma Reforma Bancária Progressista.

Dirigimo-nos, enfim, a todos os que detêm parcela de responsabilidade no trato dos negócios públicos no sentido de que atuem energicamente e rapidamente para barrar a aprovação do projeto Daniel Faraco.

De nossa parte — concluímos do perigo que esse projeto representa para o nosso povo — vem-nos na contingência de tomar todas as atitudes necessárias para atingir esse objetivo, e estamos certos de contar com o apoio decisivo de todos os patriotas autênticos.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1962.

A DIRETORIA da CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NAS EMPRESAS DE CREDITO

Assalto ao Povo Continua

«Um verdadeiro desafio à paciência do povo, eis o que significam a carestia e a sonogação de gêneros — a frase é do presidente da República em carta ao presidente do Banco do Brasil no dia imediato aos dramáticos acontecimentos de Caxias, Nilópolis e São João do Meriti, em julho último, quando a população esfomeada invadiu e saqueou armazéns, empórios e mercadinhos que sonogavam os gêneros de primeira necessidade e exibiam produtos indispensáveis a preços proibitivos. Sob o impacto da violenta reação popular o sr. João Goulart, na ocasião, prometeu formalmente, por escrito, a tomada de imediatas providências para solucionar o que na época os jornais da grande imprensa diziam ser a «crise do abastecimento.» Desde então seis meses são passados. E o que se observa é que a situação agravou-se. Os preços sobem diariamente, a especulação estende-se e a sonogação já se instituiu em norma, em regra aceita e reconhecida no jôgo do comércio. As promessas presidenciais e outras medidas espalhafatosamente anunciadas por outros escalões do governo caíram no vazio. Escasseia a comida nas casas dos trabalhadores e do povo. Apertar o cinto já não é mais uma expressão figurativa. Em uma palavra: não só os párias e desempregados mas também os assalariados no Brasil hoje passam fome.

A PROIBIÇÃO

Eis os preços do dia de alguns produtos básicos na nossa alimentação: feijão, 210 cruzeiros o quilo; arroz, 190; açúcar, 51; carne, de 380 para

mais; leite, 43 cruzeiros o litro; pão, 20 cruzeiros a bisnaga. É provável que quando esta edição estiver nas bancas tais cifras já estejam alteradas, pois os aumentos são efetivados a cada vinte e quatro horas, estando totalmente desmoralizados os tabelamentos fixados pelas autoridades das ditas controladoras dos preços.

ARROZ E FEIJÃO

O cereal e a leguminosa, que tradicionalmente constituem o essencial na mesa brasileira, vêm sendo sonogados há cerca de um ano, numa manobra revoltante dos especuladores para forçar a obtenção de maiores lucros. O governo sabe, posto que vem sendo fartamente denunciado, e inclusive por algumas autoridades como o governador do Rio Grande do Sul e o presidente da COFAP, quem esconde esses alimentos. Mas revela-se incapaz de obrigar os exploradores da fome popular a colocá-los no mercado, pelos preços de tabela. Enquanto isso procura esconder sua conivência com os tubarões atrás dos anúncios de bombásticas medidas que incluem até a mobilização das forças armadas «para descobrir os gêneros sonogados», mas que não passam de manchetes dos jornais oficiosos e sensacionalistas. Desde que desapareceram arroz e feijão das feiras e dos ar-

mazéns são trazidas ao público informações de que a COFAP «apreendeu» tantas toneladas de gêneros que serão vendidas à população pelos preços oficiais, em postos fixos e volantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. O que o povo constata porém não é isso, e sim é que tais produtos andam cada vez mais distantes das feiras e dos postos de abastecimento e que quando aparecem estão sempre com o preço majorado. O governo agora resolveu intervir de fato no problema, mas a sua intervenção será, mais uma vez, contra os interesses do povo: através do chefe da casa militar do presidente da República foi revelado que será autorizada a liberação do preço do arroz. Todo mundo sabe o que quer dizer «liberação». É a liberdade do especulador para fixar, segundo suas conveniências, que são sempre as de arrecadar maiores lucros, os preços de venda. O presidente da COFAP declarou que é contra a medida. Mas de pouco ou nada valerá a sua oposição, que já foi dobrada inúmeras vezes. Aliás, em face de alguma resistência que aquele órgão vem colocando ultimamente às pretensões aumentistas dos comerciantes de gêneros, já começam a surgir pareceres jurídicos segundo os quais suas decisões não teriam mais validade uma vez que com a dissolução do plenário do organismo, determinada pelo presidente da República, a COFAP teria perdido a sua existência legal.

O DRAMA DA CARNE

É velha a questão da carne no Brasil. Num setor onde os interesses imperialistas, os dos grandes frigoríficos que controlam a quase totalidade do mercado, por diversas vezes têm enfrentado resistências, verificadas até que ponto a submissão de determinadas autoridades prejudicam a bolsa do povo. Presidente da COFAP já caiu, em 1959, porque «engrossou» com os trustes e disse que não permitiria a sonogação do produto ao povo e, muito menos, o aumento desejado na época por Wilson, Swift e companhia. A situação hoje continua a mesma. Aproveitando-se da entressafra, os frigoríficos avançaram novamente. A carne foi subindo, subindo, subindo... e hoje não há quem compre. É vendida livremente no mercado, um verdadeiro acin-

te ao povo, sem que seja respeitada a tabela. O preço do quilo da carne de primeira já atingiu a 120 cruzeiros e a tendência é continuar se elevando. Não há justificativa para os preços atuais, mormente quando se sabe que o gado já está gordo. A baixa capacidade aquisitiva do povo em relação ao produto chegou a tal ponto que são inúmeros os movimentos de proprietários de açougues tendo em vista exigir do governo a fixação de preços acessíveis. A venda do produto no varejo nas grandes capitais (São Paulo e Rio) caiu assustadoramente levando a crise ao próprio mercado vendedor. Os frigoríficos não são, naturalmente, atingidos pela situação, pois fazem grandes negócios com os produtos enlatados e com a exportação, que suprem com suficiência a queda da venda no mercado interno.

DOIS CAPITULOS: LEITE E PÃO

A história do aumento desses dois produtos, que ainda tem novos episódios a serem contados, foi das mais dolorosas deste ano de carestia para o povo brasileiro. Começou com o pão, que está relacionado com a farinha de trigo que está relacionada com algumas negociações de ordem internacional, atingindo diretamente os interesses do país, que foram conduzidas pelas autoridades brasileiras com o governo norte-americano. O resultado de tudo foi: primeiro, o desaparecimento do trigo do mercado e, em seguida, as manobras especulatórias e ameaças de deixar a cidade sem pão. Manobras e demarques e se verificou o salto: a bisnaga saltou de 8 para 13 cruzeiros. Depois o que é mais vergonhoso, a Justiça resolveu por bem encampar mandado de segurança de proprietários das padarias contra os preços fixados pela COFAP: a bisnaga saltou para 20 cruzeiros sem que qualquer medida para impedir o assalto fosse tomada pelo governo.

No que se refere à própria farinha de trigo, manobram os revendedores fazendo desaparecer do mercado o produto popular obrigando a população a adquirir as chamadas «vitaminadas» que são vendidas a preços proibitivos.

A história do leite foi mais rocambolesca, chegando durante determinados momentos a emocionar a cidade. Num certo momento parecia que o povo ia ganhar a primeira parada na batalha contra a carestia em virtude da energia do presidente da COFAP, intransigente nas negociações com os usineiros. Houve até intervenção em algumas usinas para forçar o leite a aparecer

na praça no produto su-mira, deixando milhões de cariocas sem poder adquiri-lo a qualquer preço. Depois, o de sempre: demitiu-se o presidente do órgão controlador de preços, o leite ganhou 10 cruzeirinhos de aumento e tudo voltou à santa paz do senhor.

QUANDO O SALARIO ERA O MESMO

Há mais de um ano o nível mínimo de salário está na casa dos treze mil e poucos cruzeiros. Na época em que foi estabelecido o macarrão custava 57 cruzeiros o quilo, hoje está por mais de 130; a carne seca era vendida a 180, agora está a 380; o arroz estava a 42 e o feijão a 45; o leite a 33 o litro; o açúcar a 26,50 o quilo. Por um quilo de sal não se pagava mais de 25 cruzeiros; farinha de mesa era encontrada a 20 cruzeiros; gordura de côco a 130; banha, a 170. Entre os legumes as verduras: vagem, 60 cruzeiros; chuchu, 16; couve-flor, 70; cenoura, 90; alface, 25 cruzeiros o pé.

Compare-se esse preços aos de hoje, quando o que pagam ao trabalhador não sofreu modificação!

Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas somente no primeiro semestre do ano em curso os artigos de vestuário foram aumentados em 30 por cento; móveis e utensílios, 25 por cento; aluguéis, 10 por cento; medicamentos, mais de 20 por cento; e serviços públicos, 15 por cento. Esses dados são de julho, mês em que o índice de melhorias era o mais intenso, o que permite concluir que as porcentagens cresceram ainda mais nos meses seguintes.

FORTE CONTRA OS FRACOS

A raiz da carestia, em grande parte, está na política econômico-financeira do governo, fomentadora da inflação. Por ter dito isso na televisão o ministro do Trabalho, João Pinheiro Neto, foi exonerado. Ele não tinha a sustentação o suporte dos grupos econômicos que se beneficiam com a fome do povo, sendo assim fácil ao governo afastá-lo. As autoridades federais não tomam medidas contra os criadores das crises artificiais do abastecimento, contra os que retardam, através de pressões e de outros expedientes inconfessáveis, a conquista de novos níveis salariais pelos trabalhadores e tramam o não pagamento do 13º mês. Essas reivindicações dos trabalhadores são no momento as únicas armas com que pode o povo fazer face ao asfixiamento que o custo de vida vem provocando. A luta contra a carestia, portanto, tem um capítulo, agora, na batalha por melhores remunerações e pelo pagamento integral do 13º salário.



COMUM

O anúncio na porta do armazém revela pelo menos a carestia, da propriedade, que se escondeu também na bandeira brasileira para evitar excessos. E coisa comum o que

afirma: feijão, não há. Arroz, também não tem. Os responsáveis por isso, todos estão cansados de saber quem são. So o governo até agora não quis descobrir.



PAISAGEM

Fila, segundo tudo indica, se o arroz voltar à praça, vai voltar a ser paisagem. Dizem que a comissão do general Albino

é quem se encarregará da distribuição ao povo. Em todo caso, ele virá sempre com fila.

NOVOS RUMOS



RESULTADO

Fila e anúncio na porta de armazém podem, como ocorreu em julho na baixada fluminense, dar este resultado. O povo resolveu conferir para

ver mesmo se havia necessidade da fila e se os anúncios que dizem que não há arroz e não tem feijão são verdadeiros. Naquela ocasião, conferiu

e descobriu muita coisa, por exemplo: arroz e feijão armazenados pelos especuladores. Não teve dúvida, então; levou.